

COP30: Representantes de quatro continentes mostram unidade em torno do cuidado com a Casa Comum



A Igreja promoveu na tarde do dia 12 de novembro, o “Simpósio Internacional – Igreja Católica na COP30” com o objetivo de refletir e dialogar sobre os caminhos da ecologia integral, a justiça climática e a conversão ecológica. O evento foi realizado durante a Conferência das Partes sobre as Mudanças Climáticas sediada na Amazônia Brasileira, a COP30.

O objetivo da Articulação Brasileira para a COP30, ao realizar o Simpósio, foi apresentar as perspectivas da Igreja Católica e de seus interlocutores destacando seu compromisso com a justiça climática e a ecologia integral.

Um vídeo, no início do Seminário, recuperou o processo de preparação da Igrejas Católica para a sua participação na COP30, entre elas as pré0-cops realizadas em todas as cinco macrorregiões brasileiras e a o documento entregue ao Papa Leão XIV com as propostas da Igreja do Sul Global (Ásia, América Latina e Oceania) para o clima.



Fotos: Leticia Florêncio – Movimento Laudato Si’

“Crise climática é também uma crise espiritual e moral. Cuidar da criação é parte indissociável do seguimento a Jesus Cristo. No coração do mundo, permanece o Senhor da vida”, reforça um trecho do vídeo.

Bênção de Nossa Senhora de Nazaré

O seminário iniciou com a bênção de Nossa Senhora de Nazaré, introduzida pelo arcebispo de Belém (PA), dom Júlio Akamini. Que também foi o primeiro a saudar os participantes como anfitrião do encontro na mesa de abertura do evento.

Dom Júlio acolheu os participantes no bioma amazônico e na arquidiocese de Belém, casa do Círio de Nazaré. “Nós os acolhemos com muita alegria”, disse.

O Núncio Apostólico no Brasil, dom Giambatistta Diquattro, faz sua acolhida lembrando do “saudoso do Papa Francisco e seu providencial magistério”. Francisco nos lembrou insistentemente que a mudança climática não pode ser entendida apenas com uma questão técnica ou econômica mas como

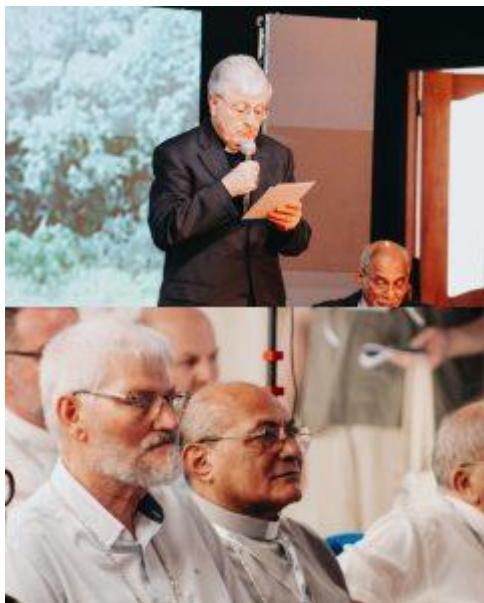
uma abordagem ecológica e social que deve integrar a justiça para ouvir tanto o clamor da terra como dos pobres.



“Toda injustiça contra a terra é também uma injustiça cometida contra o ser humano. Toda ferida infringida ao coração torna-se uma ferida do coração humano”, afirmou.

Dom Giambatista reforçou o apelo da Exortação Apostólica *Laudate Deum* que faz um severo aviso: “o mundo em que vivemos está se desmoronando e talvez esteja em se aproximando de um ponto de ruptura”.

Humanidade reconciliada com Deus



“A conversão ecológica, segundo nos ensinou o Papa, não consiste em simplesmente mudar os comportamentos externos, mas renovar o olhar interior e reencontrar em Deus o princípio o sentido da existência. O ser humano não é chamado a terra mas preservá-la como um administrador sábio dos dons recebidos”, afirmou.

Em referência à Querida Amazônia, o núncio expressou a síntese da Doutrina Social da Igreja: “A justiça em relação à terra e ao ser humano é uma única obra de amor. Quando a Igreja vive essa vocação de cuidado do terra, dos pobres e das gerações futuras torna-se sinal de uma humanidade reconciliada com Deus e com a criação”, reforçou

O arcebispo de Porto Alegre (RS), presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (Celam), dom Jaime Spengler, afirmou que as soluções para a crise ambiental não pode ser reduzida à ajustes técnicos e financeiros. “Se faz necessário integrar as cosmovisões e práticas dos povos indígenas e ribeirinhos”, disse.

“Habitamos o planeta e precisamos de uma conversão sobre o nosso modo de relação com o planeta com cuidado e promoção do meio ambiente e da vida. Precisamos colocar o cuidado da vida no centro de nossas decisões. Não podemos fazer média com a cultura da morte, somos chamados a ser sementes de Esperança num mundo novo baseados na ética e fé”, disse.

Transição energética e cuidado dos pobres

O presidente das conferências episcopais da Ásia, o arcebispo de Goa e Damão, cardeal Felipi Neri, falou do documento apresentado ao Papa Leão XIV: “Documento que estabelece um marco ético e espiritual para a crise climática. As conferências episcopais da Ásia denunciam esse modelo de extrativismo do Norte Global, o capitalismo verde e a lógica de mercado de carbono que deixa a todos vulneráveis”, afirmou.

O bispo chamou a atenção para o fato de a Ásia ser uma das regiões mais afetadas pelos efeitos das mudanças climáticas, como as inundações que afetaram países como Bangladesh provocando migrações em massa. “A Ásia é uma das maiores emissoras de carbono e precisa de um processo de transição energética que leve em conta as comunidades locais e os pobres”, afirmou.

O ser humano no centro de uma nova economia

O presidente do Simpósio das Conferências Episcopais da África e Madagascar (Secam), o cardeal Fridolin Ambongo, de Quinxassa, da República Democrática do Congo, falou sobre o processo de empobrecimento, exploração, roubo e saque pelo qual passou o continente Africano.

As nações mais ricas que precisam de minerais e petróleo, segundo ele, agem com urubus nas riquezas da África. “Por causa dos minerais, tem mais de 50 conflitos em nosso continente”, disse.

Segundo ele, o processo de espoliação do continente vem resultando em deserto e também em inundações. Ele também falou do documento entregue ao Papa que afirma que o ser humano deve ser o centro de uma nova economia. O documento, com dez propostas para um novo desenvolvimento baseado na Ecologia Integral, foi entregue ao Papa Leão XIV está sendo apresentado na COP30.

Ilhas submergidas no Pacífico

O representante das conferências episcopais da região do pacífico, Ryan Rimenes, presidente da Conferência Episcopal do Pacífico, reforçou que várias catástrofes estão afetando as populações da Oceania. “As ilhas, em nossa região, correm o risco de serem submergidas ainda em nosso tempo. Ele disse que a mineração no fundo do mar também está adicionando outra camada de destruição. Nossas comunidades já sentem os impactos das mudanças climáticas. Tufões e aquecimento do mar são duas ameaças reais também”, afirmou.

O cardeal disse que a Igreja na região do Pacífico trabalha para encontrar soluções concretas para os problemas tendo a encíclica *Laudato Si'* como referência. Ele fez referência ao documento elaborado pelas conferências do Sul Global. “Nós bispos da região do pacífico nos comprometemos a cuidar da nossa de nossa Casa Comum e das Ilhas que são o nosso lar”, disse.

Igreja na Europa e a conversão ecológica

O cardeal sérvio Ladislav Nemet, vice-presidente do Conselho das Conferências Episcopais da Europa (CCEE), afirmou que estão trabalhando para a transformação e conversão ecológica na Europa, continente onde se situam 39 conferências episcopais. “Estamos com uma guerra na Europa como provocadora de um aumento do custo de energia na Europa. Temos muitos problemas também e é necessário encontrar soluções junto ao Sul Global”, disse.

Diálogos pela Ecologia Integral

Na sequência à mesa de abertura, painel *“Diálogos pela Ecologia Integral”*, mediado pelo presidente da Comissão Especial para a Mineração e a Ecologia Integral, dom Vicente de Paula Ferreira, aprofundou o tema: “Diálogos pela Ecologia Integral”.

Participaram da mesa, a bispa da Igreja Anglicana do Brasil, Marinez Rosa dos Santos Bassotto, que abordou o tema da *“Ecoespiritualidade e missão profética da Igreja na Amazônia”*, o arcebispo de Manaus (AM), o cardeal Leonardo Steiner, que aprofundou o tema *“Caminhos da Ecologia Integral para a Conversão Ecológica”*, o representante da APIB, Kleber Karipuna, que falou sobre *“a presença dos povos originários da Amazônia brasileira com suas lutas e perspectivas”* e representante do Governo Federal.

Exposições temáticas e caminhada do Mártires

Além disso, durante todo o período da manhã, o Colégio Santa Catarina de Sena foi aberto à comunidade com exposições temáticas, sendo um espaço dedicado à partilha dos frutos do caminho percorrido pela Articulação Igreja Rumo à COP 30 e pelas iniciativas locais da arquidiocese de Belém.

Após o simpósio, às 19h, foi realizada a Caminhada pelos Mártires da Casa Comum, com concentração na Praça Santuário de Nazaré. O percurso se encerrou na Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, com a celebração eucarística presidida pelo arcebispo de Porto Alegre (RS) e presidente da CNBB, cardeal Jaime Spengler.

Fonte: CNBB

Cardeais Spengler e Steiner: COP30 é momento importante para a história e teremos elementos para dar graças a Deus



O Simpósio da Igreja Católica na COP30 foi aberto, na tarde desta quarta-feira, em Belém (PA), com uma entrevista coletiva à imprensa concedida pelo arcebispo de Porto Alegre (RS) e presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (Celam), cardeal Jaime Spengler, e pelo arcebispo de Manaus (AM) e presidente do Regional Norte 1 da CNBB, cardeal Leonardo Ulrich Steiner.

Os cardeais destacaram a importância histórica da realização da Conferência das Nações Unidas sobre as mudanças climáticas na Amazônia Brasileira, e a contribuição da Igreja na reflexão e mobilização diante da crise climática.

“Certamente é um momento muito importante para a história do nosso Brasil e da Amazônia. A Terra, poderíamos dizer, está quase a sagrar até a morte. Ela pede socorro. Ela pede ajuda. E nós, como Igreja na América Latina e no Brasil, nesses últimos anos, temos desenvolvido uma série de ações que vêm de encontro ao grito que nasce da terra, dos povos ribeirinhos”, afirmou dom Jaime.

Ele recordou as iniciativas promovidas pela Igreja no sentido da promoção da consciência comunitária em torno dos desafios e das decisões relacionadas às mudanças climáticas, como a Campanha da Fraternidade sobre a Ecologia Integral e os seminários preparatórios para a COP30 nas macrorregiões do Brasil.



“É motivo de alegria acolhermos a COP30 na Amazônia. Dado o caminho que estamos percorrendo, creio que teremos muitos elementos para dar graças a Deus”, afirmou dom Leonardo, ponderando também que muito já foi aprovado no passado, mas pouco foi feito, como as decisões da COP de Paris.

O cardeal recordou a trajetória ativa de mais de 50 anos da Igreja na Amazônia com a preocupação com o cuidado da natureza e dos povos originários.

“Se formos olhar, por exemplo, o documento de Santarém, em 1972 já se abordava essa questão. É um longo caminho percorrido pelas Igrejas que estão na Amazônia, ligando sempre a questão dos povos indígenas, dos pobres e o meio ambiente. Esse é o caminho que as Igrejas que estão na Amazônia têm buscado percorrer”, ressaltou.



Abaixo, alguns destaques a partir das perguntas dos jornalistas:

Como a Igreja pode dialogar com governos e empresas sem perder sua identidade profética

– Dom Jaime: “Eu creio que, a partir da experiência da fé, nós não podemos nos calar. A Igreja possui uma rica tradição no cuidado e na promoção da vida. E é um tesouro precioso ao qual, sempre de novo, nós podemos recorrer. E eu creio que é a partir disso que nós podemos dialogar com as diversas forças da sociedade, estando muito atentos àquilo que a ciência hoje nos traz como dados. A ciência nos ajuda, coopera para iluminar aquilo que para nós temos como princípio de fé: o cuidado, a promoção da vida em todas as suas formas de manifestação”.

– Dom Leonardo: “quando falamos em governo, não estamos pensando somente no Executivo e no Judiciário. Talvez no Brasil, passemos por um momento extremamente difícil no Legislativo. Com a aprovação da PEC da destruição, vemos para onde andam nossos senadores e senadoras, deputados e deputadas. Diante da PEC da destruição, a Igreja não se cala.

Ações práticas e contínuas em vista da ecologia integral

Dom Leonardo: “Estamos para aprovar uma nova Comissão Pastoral em nossa Conferência Episcopal, que é justamente a Comissão de Ecologia Integral e de Mineração.

Queremos recolher experiências para dinamizar. Minha questão é se conseguimos mudar o horizonte de leitura que temos em relação à Ecologia, porque estamos dominando, depredando o nosso mundo, a nossa natureza, mas em vista do lucro, ao passo que essas atividades [pastorais, como a Pastoral da Ecologia], essas iniciativas não visam o lucro, mas visam o cuidado e o cultivo. Quanto mais nós pudermos mostrar essa realidade, mais teremos a possibilidade de despertar a nossa sociedade e o mundo para a necessidade urgente do cuidado com a nossa casa comum – ou como diria Papa Francisco – a necessidade de uma conversão ecológica. Toda iniciativa semeada no chão do povo de Deus sempre dá muito fruto.

Frutos do Sínodo e da Querida Amazônia

Dom Leonardo – O Sínodo e a Querida Amazônia vieram confirmar o caminho percorrido pelas Igrejas Particulares da Amazônia. É impressionante nós lermos os documentos que as diversas assembleias que foram acontecendo na Amazônia e são refletidas no texto do Documento Final e também são refletidas no texto Querida Amazônia. A maior conquista, penso eu, foi que as Igrejas, as circunscrições eclesiais que estão na Amazônia viram confirmado o caminho que estavam a percorrer, mas continuaram a percorrer um caminho cheio de esperança. E a grande questão que o Papa Francisco tinha nos ajudado em Querida Amazônia é ver a Igreja profundamente inserida em todos os lugares onde ela está, não apenas nas comunidades de fé, mas comunidades de fé que estão rodeadas da sociedade, da cultura, fala até em espiritualidade inculturada.

As ações da Igreja Católica na COP30

– Dom Jaime: “Queremos dar continuidade àquilo que a Igreja já vem fazendo, nas diversas realidades, onde nós estamos: sermos testemunhas de esperança sem perder a dimensão profética”.

– Dom Leonardo: “O Reino de Deus está próximo e ele é a visibilização do Reino completado: o crucificado-ressuscitado visibiliza um Reino que é capaz de ser vivido e é capaz de ser instaurado,

que vai sendo instaurado na história. Nós não podemos pensar no Reino de Deus sem levarmos em consideração a Ecologia Integral.

A Ecologia Integral faz parte da fé, faz parte de todo o caminho que nós fazemos para viver o Evangelho, faz parte da visibilização do Reino de Deus. Se a Casa Comum estiver desarranjada, está desarranjado também o Reino de Deus.

Temos um caminho cheio de vida, exigente, um caminho de conversão, mas é o caminho da instauração do Reino para podermos todos, um dia chegarmos e louvar e bendizer a Deus por todas as criaturas, pela obra que ele criou e nos deixou viver.

Fonte: CNBB

Tapiri Ecumênico e Inter-Religioso, em Belém, aborda justiça climática, democracia e direito à vida



A abertura do Tapiri Ecumênico e Inter-Religioso, nesta quarta-feira, 12 de novembro, em Belém (PA), foi marcada pela primeira mesa de debates, coordenada pelo padre Dário Bossi, assessor da Comissão Episcopal para a Ação SocioTransformadora da CNBB, sobre o tema “*Justiça climática, democracia e direito à vida: diálogos inter-religiosos por justiça socioambiental.*”

Durante o encontro, foram apresentados materiais pastorais de apoio para situações de conflito relacionadas à mineração, além da campanha de desinvestimento em empreendimentos de alto impacto. A proposta convida comunidades e instituições de fé a “desempoderar os bancos” e fortalecer os territórios.

A mesa contou com a presença de membros das Comissões da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), e de lideranças e articuladores dos territórios amazônicos, o que reforçou o caráter local e participativo do Tapiri como um espaço de convergência entre espiritualidade, território e ação.



Vozes e reflexões pela justiça climática

Dom Vicente Ferreira, presidente da Comissão para a Ecologia Integral e Mineração da CNBB, alertou para as “contradições sistêmicas” e para a manipulação de discursos em torno da sustentabilidade:

“Agora tudo virou ‘verde’ – até a mineração. A economia que mata não pode apresentar-se como solução” (...). Se a ecologia integral não nos convencer a darmos as mãos no diálogo inter-religioso, nada mais vai nos convencer.”



Dom Vicente também destacou o protagonismo das comunidades atingidas:

“A defesa da casa comum parte desde baixo, desde o barro, com os atingidos no centro.”

A bispa Marinez Bassotto, da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, destacou a centralidade espiritual da criação e o sentido de pertença amazônico.

“Nós existimos com tudo o que existe. Se não nos dermos conta disso, não vamos existir” (...). Deus não está fora da criação – Ele está na criação. É hora de revermos a imagem que fazemos do Criador.”

Ela também ressaltou que a atuação das igrejas na Amazônia é marcada pela cooperação:

“Nada fazemos sozinhos: nossas ações na Amazônia são sempre em parceria – com a REPAM, Cáritas, Ministério Público, Defensoria, movimentos e outras tradições religiosas.”

O pesquisador Luiz Felipe Lacerda, do Observatório Nacional de Justiça Socioambiental, apontou a dimensão civilizatória da crise ecológica e a importância do diálogo entre tradições de fé:

“Dessacralizamos a natureza e a transformamos em mercadoria. O diálogo inter-religioso é ferramenta potente para reconectar as pessoas ao sagrado da criação e reparar a democracia.”

Ele destacou quatro agendas convergentes das comunidades de fé: revisão da dívida externa do Sul Global, fortalecimento do Fundo de Perdas e Danos, transição energética justa e sistemas alimentares baseados na agroecologia. Sobre o Acordo de Escazú, foi enfático:

“É uma vergonha o Brasil ainda não ter ratificado o Escazú. Precisamos de um movimento forte para proteger defensores e garantir transparência.”

Já o pastor indígena Josias Caeté trouxe uma leitura ecoteológica e ancestral, ressaltando que o rompimento com os saberes dos povos tradicionais está na raiz da crise socioambiental.

“Precisamos de um novo encontro com a criação, a partir do respeito às cosmologias e à teia da vida”, afirmou.

Confira a transmissão desta quarta-feira na íntegra:

Tapiri: fé, território e compromisso com a Casa Comum

O Tapiri se consolida como um espaço de diálogo, espiritualidade e incidência pública, que reúne comunidades de fé, lideranças tradicionais e organizações sociais em defesa da vida na Amazônia e no planeta.

O evento integra a programação da Cúpula dos Povos rumo à COP30 e acontece de 11 a 16 de novembro de 2025, na Catedral Anglicana de Santa Maria, em Belém (PA). O encontro reúne lideranças de diversas tradições religiosas, povos indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais, movimentos sociais e juventudes do Brasil e de outros países, em busca de alianças por uma ecologia integral e justiça climática. - Fonte: CNBB

-----.

A Vida Religiosa Consagrada e o Compromisso da CRB Nacional com a Amazônia e o Cuidado da Casa Comum na COP30

Por Neusa Santos



Na Amazônia, a Vida Religiosa Consagrada tem sido, há décadas, presença de solidariedade e compromisso social com mais vulneráveis. A Conferência dos Religiosos do Brasil que hoje conta com mais de 33 mil consagrados no país reafirmam o cuidado com a Casa Comum e a defesa dos povos originários.

Estamos presentes em vários espaços prioritários e durante a COP30, que acontece entre 10 e 21 de novembro de 2025, em Belém (PA), o testemunho da Vida Religiosa expressa o princípio da ecologia integral, que une o clamor da terra e dos pobres.



Nesta quarta-feira, 12 de setembro, durante a COP30, a presidente da CRB Nacional, Irmã Maria do Disterro Rocha, as assessoras do Setor Missão, Irmãs Rosa Elena e Michele da Silva e tantos outros religiosos e religiosas participam do espaço aberto das reflexões e ações práticas do cuidado com o planeta e justiça climática.

Na tarde deste dia, a Vida Religiosa Consagrada nas suas mais diferentes formas participou do Simpósio “A Igreja Católica na COP30 nos caminhos da Ecologia Integral: refletindo sobre justiça climática e conversão ecológica”, realizado no Colégio Santa Catarina de Sena. O encontro reuniu lideranças religiosas, povos indígenas, cientistas e representantes de organizações ecumênicas e públicas.



A atividade também contou com coletiva de imprensa, promovido pela CNBB destacando o papel da Igreja diante da crise climática e a necessidade de conversão ecológica, em sintonia com o Papa Francisco e o apelo para cuidar da Casa Comum.

Antes mesmo de a pauta ambiental chegar às cúpulas internacionais, religiosos já caminhavam com os povos da floresta, denunciando a destruição ambiental e a exploração humana. Desde o Documento de Santarém (1972), passando pela *Laudato Si'* (2015), pela exortação *Querida Amazônia* (2020) e pelo Sínodo para a Amazônia (2019), a Igreja no Brasil, com a Vida Religiosa Consagrada, reafirma que a defesa da Amazônia é expressão de fé e compromisso evangélico.

Esse caminho se sustenta na convicção de que cuidar da criação é cuidar do Evangelho. O cuidado se manifesta nas comunidades religiosas que unem evangelização, justiça socioambiental e defesa dos povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e extrativistas.

A atuação da CRB Nacional e das congregações diante da crise climática parte da ideia de que não há cuidado com o planeta sem justiça social. Inspirada pelo Papa Francisco, a ecologia integral reconhece a ligação entre o bem-estar da natureza e o das pessoas, sobretudo as mais vulneráveis.



A conversão ecológica é parte dessa missão: um processo de transformação que convida a deixar o paradigma do lucro e da dominação para adotar uma cultura do cuidado e da fraternidade. Cuidar da floresta, das águas e dos povos da Amazônia é parte do seguimento de Jesus e expressão do Evangelho vivido.

A presença da Vida Religiosa na Amazônia é também uma presença política, no sentido de dar voz aos que são silenciados. Em comunhão com a CNBB, o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), a REPAM, Rede Clamor e pastorais sociais, a CRB Nacional se soma às vozes que denunciam projetos de destruição e reafirma que o futuro da Amazônia depende do respeito aos direitos e à dignidade de seus povos.

Religiosas e religiosos caminham com comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas e periféricas, defendendo a vida contra a exploração. Como disse Dom Leonardo Steiner, “a Amazônia não está sendo devastada pelos povos indígenas, mas por aqueles que vieram para saquear e dominar.”

A CRB Nacional entende que a resposta à crise climática não virá apenas de acordos políticos, mas do testemunho de comunidades que vivem o cuidado no cotidiano. Por isso, as congregações

religiosas realizam hortas comunitárias, programas de educação ambiental, mutirões de reciclagem, projetos de reflorestamento, oficinas de economia solidária e ações pastorais com juventudes.

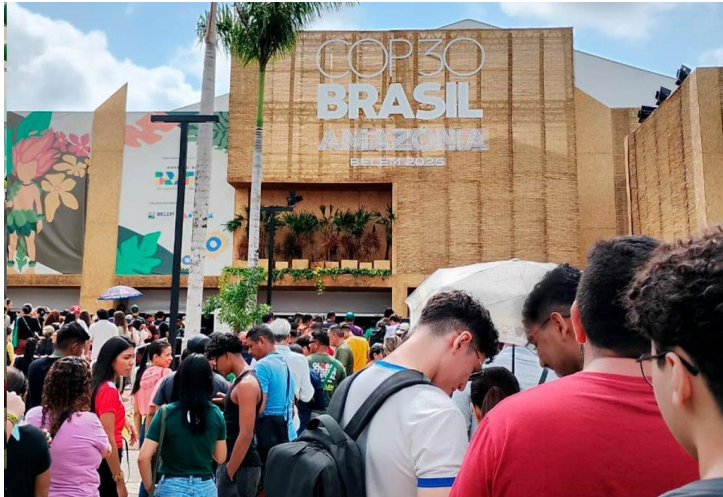
Essas experiências e a presença da Vida Religiosa na COP30 mostram ao mundo uma Igreja comprometida com o futuro da Amazônia e com uma cultura ecológica que integra fé, ciência e solidariedade.

Para a CRB Nacional, participar da COP30 é afirmar, com a vida e o testemunho, que outra forma de viver é possível. A Igreja do Brasil vai à COP levando a voz dos territórios, dos povos e das comunidades que resistem.

Enquanto o mundo discute metas e números, a Vida Religiosa Consagrada lembra que a crise climática é também uma crise espiritual e moral. A resposta começa na conversão do coração e se traduz em novos modos de vida.



Religiosas e religiosos se colocam como promotores da vida e guardiões da criação. Seu testemunho é um anúncio ao mundo: a fé cristã está unida ao compromisso com a justiça, com os povos originários e com o cuidado da Casa Comum.



Fonte: CRB

Presidente da CRB Nacional participa de encontro com mulheres que defendem a vida na Amazônia

Por Neusa Santos



Durante sua passagem por Belém (PA), por ocasião das atividades da COP30, a presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB Nacional), Irmã Maria do Disterro Rocha, conheceu o Puxirum de Mulheres – Defensoras da Amazônia, grupo de mulheres que atuam na defesa da vida, da dignidade e dos direitos das comunidades da região.

O encontro mostrou a presença da Vida Religiosa Consagrada junto aos povos da Amazônia e o compromisso das congregações com as causas da justiça e da proteção da Casa Comum.



O Puxirum de Mulheres – Defensoras da Amazônia é formado por lideranças que, em suas comunidades, constroem caminhos de resistência e cooperação. Entre elas estão Poliana, Claudete Santos, Ângela, Irmã Cátia, Leidiane, Irmã Jane e outras. São mulheres que se organizam para garantir saúde, educação, terra e vida para suas comunidades, mesmo sob ameaças e situações de violência.

As participantes do grupo enfrentam desafios relacionados à luta pela terra, à preservação dos territórios coletivos e à defesa dos direitos humanos. A região vive conflitos e ameaças contra quem se posiciona diante da exploração da floresta. Nesse contexto, o Puxirum se mantém como espaço de encontro e organização.



Irmã Cátia, das Irmãs de Notre Dame de Namur, relatou que a caminhada começou pela luta por saúde e segue pela busca por educação. “Nossa missão é estar junto ao povo, ajudá-lo a se organizar e garantir o que é necessário para sobreviver”, afirmou. A congregação permanece com as comunidades, apoiando a organização e o trabalho conjunto das mulheres da Amazônia.

A vereadora e presidenta da Comissão de Direitos Humanos de Belém, Vivi Reis, destacou que o Pará está entre os estados com mais registros de violações de direitos e defendeu a criação de espaços de segurança para famílias ameaçadas.

A presença da CRB Nacional na COP30, em Belém, reforça o compromisso da Vida Religiosa Consagrada com a ecologia integral e com a escuta das comunidades que, há anos, cuidam da floresta e de seus povos. O Puxirum de Mulheres é expressão dessa esperança que se transforma em ação, um chamado à união e à solidariedade pela vida na Amazônia.



Fonte: CRB

Padres da Diocese de Caxias do Sul se reúnem para dois dias de atualização e formação sobre gestão administrativa e pastoral

Encontro, no Centro Diocesano de Formação Pastoral, contou com a assessoria do escritório Benincá Soluções Contábeis, que assessora a Mitra Diocesana, além da participação da equipe de colaboradores da Cúria Diocesana



O clero diocesano e religioso que atua nas paróquias e comunidades da Diocese de Caxias do Sul esteve reunido na terça e quarta-feira, 11 e 12 de novembro, no Centro Diocesano de Formação Pastoral (CDFP), para dois dias de formação e atualização sobre a gestão administrativa e pastoral. O encontro foi assessorado pela equipe do escritório Benincá Soluções Contábeis, de Erechim, que assessora a Mitra Diocesana e teve a presença do bispo de Caxias do Sul, Dom José Gislón.

Durante os dois dias foram tratados diversos temas, tais como a organização canônica e jurídica da Diocese de Caxias do Sul, além da abordagem sobre as obrigações contábeis e fiscais da Igreja Católica perante a legislação brasileira. Além disso, foram tratadas as situações de corresponsabilidade das paróquias e suas comunidades para com a Diocese e vice-versa, buscando atender o que pede a Lei, amparados pelo acordo Brasil-Santa Sé.

O diretor da Benincá Soluções Contábeis, Ildo Benincá, conduziu grande parte do encontro. Ele salienta o caminho realizado pela Diocese de Caxias do Sul em vista do seu processo de organização em diversas áreas, dentre as quais a relação jurídica e canônica e a regularização de pessoal e do patrimônio. "A gente vê o interesse dos padres nesse trabalho, sobretudo dos párocos. Como é importante o trabalho da evangelização, da pastoral, esse lado administrativo que também lhe toca para

a gestão da sua paróquia. Por isso, eles nos questionaram, perguntaram, tiraram dúvidas. Isso foi algo muito importante que valorizamos, de fato essa jornada de estudo".



O encontro contou com a presença da equipe de colaboradores da Cúria Diocesana, além de participações da assessoria jurídica e patrimonial. Benincá salientou também que esses dias de formação com o clero são o primeiro passo a partir de um trabalho já realizado e que deve se expandir. "Em seguida, esse treinamento vai se estender também para as lideranças leigas, para as secretárias", completou. - Fonte: Diocese de Caxias do Sul

Catequese do Papa: viver a fraternidade não é impossível, atenção ao narcisismo

Na Audiência Geral desta quarta-feira (12/11), Leão XIV convidou os fiéis a redescobrir a fraternidade como vocação humana e dom divino: “um chamado a vencer o egoísmo e a reconstruir os laços que unem a humanidade”.

Thulio Fonseca - Vatican News



Cultivar a fraternidade foi o cerne da reflexão do Papa Leão XIV durante a Audiência Geral desta quarta-feira, 12 de novembro, realizada na Praça São Pedro, com a presença de milhares de fiéis e peregrinos. Logo no início da catequese, o Pontífice recordou que a fé pascal ilumina a vida cotidiana: “Acreditar na morte e ressurreição de Cristo e viver a espiritualidade da Páscoa incute esperança na vida e encoraja-nos a investir na bondade.”

Segundo Leão XIV, essa atitude torna possível viver de modo autêntico o amor, “um dos grandes desafios da humanidade contemporânea”. Em sua reflexão, o Santo Padre também recordou as palavras do Papa Francisco sobre a urgência de reconstruir os laços de fraternidade no mundo atual presentes na Encíclica *Fratelli tutti*.

Fraternidade: um dom profundamente humano

O Papa explicou que a fraternidade nasce da própria condição humana: “Somos capazes de nos relacionar e, se quisermos, sabemos construir laços autênticos entre nós.” Essas relações, observou o Pontífice, sustentam e enriquecem a vida desde o início. Mas advertiu contra o risco de viver fechados em si mesmos:

“Se nos isolarmos, corremos o risco de adoecer de solidão e até de desenvolver um narcisismo que nos leva a preocupar-nos com os outros apenas por interesse próprio.”

Um desafio em tempos de divisão

Leão XIV reconheceu que a fraternidade não é algo imediato nem garantido: “Muitos conflitos, guerras e tensões sociais parecem demonstrar o contrário”, afirmou. Contudo, “a fraternidade não é um sonho belo e impossível”, para vencer as sombras que a ameaçam, é preciso voltar às fontes e buscar “a luz e a força n’Aquele que é o único que nos liberta do veneno da inimizade”.

O Papa retomou o exemplo de São Francisco de Assis, que se dirigia a todos com a saudação omnes fratres, expressão de uma fraternidade sem fronteiras. “Era a forma inclusiva com a qual o Santo colocava todos os seres humanos no mesmo patamar, reconhecendo o seu destino comum de dignidade, diálogo, acolhimento e salvação.” Leão XIV recordou que esse “todos” expressa um traço essencial do cristianismo: a Boa Nova é universal, nunca exclusiva.

Cristo, fonte da verdadeira fraternidade

A fraternidade cristã, explicou o Papa, tem a sua raiz no mandamento novo de Jesus: “Que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei (Jo 15,12).” Cristo, morto e ressuscitado, mostrou que o amor é capaz de transformar as relações humanas:

“A fraternidade concedida por Cristo liberta-nos da lógica negativa do egoísmo, da divisão e da prepotência, e reconduz-nos à nossa vocação original, em nome de um amor e de uma esperança que se renovam todos os dias.”

“Todos irmãos” no caminho da esperança



Papa Leão XIV durante a Audiência Geral (@Vatican Media)

No final da catequese, o Papa Leão XIV convidou os fiéis a viver a fraternidade como testemunho da fé no Ressuscitado:

“Os irmãos e as irmãs apoiam-se mutuamente nas provações, não viram as costas aos necessitados, choram e alegram-se juntos. O Ressuscitado mostrou-nos o caminho a percorrer com Ele, para nos sentirmos e sermos todos irmãos”, concluiu o Pontífice.

Fonte: Vatican News

Leão XIV: a guerra é um “massacre inútil”, nada é melhor do que a paz

Ao saudar os peregrinos poloneses durante a Audiência Geral, o Papa recordou o fim da Primeira Guerra Mundial, citando a famosa expressão de Bento XV: vamos defendê-la com “o coração enraizado no Evangelho”. Nas saudações em italiano, o Pontífice citou Madre Eliswa Vakayil, beatificada na Índia, e o compromisso com a emancipação das meninas mais pobres: “seja fonte de inspiração para todos aqueles que trabalham, na Igreja e na sociedade, pela dignidade da mulher”.

Andressa Collet - Vatican News



"No último sábado, em Kochi, no estado indiano de Kerala, foi beatificada Madre Eliswa Vakayil, que viveu no século XIX, fundadora da Ordem Terceira das Carmelitas Teresianas Descalças. O seu corajoso empenho em favor da emancipação das meninas mais pobres é fonte de inspiração para todos aqueles que trabalham, na Igreja e na sociedade, pela dignidade da mulher."

Assim o Papa Leão XIV recordou da beatificação da madre Eliswa Vakayl durante a saudação aos peregrinos italianos na Audiência Geral desta quarta-feira (12/11). Na catequese do dia, o Pontífice insistiu que acreditar na morte e na ressurreição de Jesus nos dá esperança e nos encoraja a investir no bem e, especialmente, a fomentar a fraternidade.

Leia a íntegra da catequese do Papa Leão XIV

"Nada é absolutamente melhor" que a paz

Nos dias de hoje principalmente, continuou ele, diante das tensões sociais e guerras espalhadas pelo mundo. Para dissipar essas sombras, é preciso buscar luz e força no Ressuscitado, para nos amarmos e dar a vida pelos outros. Assim, mais uma vez Leão XIV ressaltou o valor da paz ao se dirigir inclusive aos fiéis de língua polonesa, lembrando do fim do "massacre inútil" da Primeira Guerra Mundial, como a definiu Bento XV, que foi recordado nesta terça-feira, 11 de novembro:

"Saúdo cordialmente os poloneses. Ontem recordamos o fim do 'massacre inútil' da Primeira Guerra Mundial, após a qual, para muitos povos, incluindo o de vocês, chegou o amanhecer da independência. Somos gratos a Deus pelo dom da paz, da qual — como afirmava Santo Agostinho — 'nada é absolutamente melhor'. Que a preservemos com o coração enraizado no Evangelho, no espírito de fraternidade e de amor pela pátria. A todos, a minha bênção!"

Fonte: Vatican News

Papa com brasileiros liderados por Pe. Renato Chiera, fundador da Casa do Menor

A delegação participou da Audiência Geral desta quarta-feira (12/11), na Praça São Pedro. No grupo, representantes da Casa do Menor e também da iniciativa "Com Deus, Tem Jeito", que nasceu de um convite do Papa Francisco para fazer obras de misericórdia: tanto no Brasil como na Argentina e em Portugal, eventos de evangelização têm resgatado pessoas em situação de rua.

Andressa Collet - Vatican News



O Papa Leão XIV ao encontrar o Pe. Renato Chiera ao final da Audiência Geral desta quarta-feira (12/11)

“Queridos peregrinos de língua portuguesa, sejam bem-vindos. O Senhor ressuscitado nos chama a sonhar a fraternidade com gestos, palavras e obras concretas. Trata-se do dom da vida, que implica um contínuo rivalizar uns com os outros na estima mútua e no cuidado recíproco. Deus os abençoe!”

A saudação do Papa parece ter sido direcionada à uma delegação brasileira liderada pelo Pe. Renato Chiera, fundador da Casa do Menor no Rio de Janeiro, presente na Audiência Geral desta quarta-feira (12/11), que teve a oportunidade de cumprimentar o Pontífice. O missionário italiano, de 83 anos de idade e mais de 45 anos de Brasil, levou "o abraço dos meninos de rua e das cracolândias", além de agradecer pela dedicação do Papa aos pobres, "uma temática que Leão XIV quer levar adiante" porque, segundo o Pe. Renato, incentivador da pedagogia do amor e da presença junto às pessoas não amadas, "corremos o risco de perder um pouquinho essa dimensão":

"Para nós não é só uma dimensão social: o pobre é Jesus na cruz! É Jesus abandonado, é Jesus que é despido de tudo, é Jesus que precisa ser amado para poder ressuscitar e adquirir vida. A maior tragédia não é ser pobre, é não ser filho. O pobre não precisa só de coisas materiais; antes de tudo, ele precisa que tu acolha ele como ser humano, que veja ele como um valor. Isso porque ele acha que não é nada, que é lixo no meio do lixo. E a gente vai até eles para escutar, sem julgar, para chorar junto com eles, o que faz a diferença."

"Com Deus, Tem Jeito" comemora 10 anos em 2026

O grupo também apresentou a Leão XIV a iniciativa "Com Deus, Tem Jeito", que nasceu de um pedido do Papa Francisco no Ano da Misericórdia em 2016: tanto no Brasil como na Argentina e em Portugal, são realizados eventos de evangelização para resgatar as pessoas em situação de rua. De fato foi entregue uma carta de agradecimento à "guia pastoral" do Pontífice, sobretudo através da Exortação Apostólica "Dilexi te" sobre o amor para com os pobres. No documento, eles encontraram "um chamado para uma renovada conversão, compreendendo a opção preferencial pelos pobres como uma vocação à santidade pessoal e comunitária". Uma unidade com a Igreja, continua a carta citando a comunhão a partir das comunidades brasileiras como a Obra Lumen de Evangelização, Canção Nova e Fazenda da Esperança, que os "fortalece e encoraja a prosseguir, doando tudo o que temos, toda a nossa juventude, pelos pobres".



O Papa, Pe. Renato Chiera e Carlos Alberto, que foi resgatado da situação de rua

Hoje a iniciativa "Com Deus, Tem Jeito" conta com mais de 500 movimentos da Igreja Católica que nestes 9 anos já acolheram 7500 pessoas em situação de rua de cerca de 120 cidades do Brasil. Para celebrar, então, os 10 anos em 2026, será promovida a "Jornada Com Deus, Tem Jeito" com eventos que serão realizados em diferentes santuários do país, como nos antecipa Edwin Costa, da Obra Lumen:

"Como o Papa Francisco nos pediu pessoalmente, nós não vamos parar! A ideia era fazer só um encontro em 2016 e agora estaremos comemorando 10 anos. Em 2026, para a edição comemorativa, vamos passar pelos santuários, como o de Aparecida, Guaratinguetá, da Esperança e Pai das Misericórdias. Então, será como uma peregrinação, num grande encontro celebrativo."



Edwin Costa ao encontrar o Papa Leão XIV ao final da Audiência Geral (@Vatican Media)

Fonte: Vatican News

O Papa encontra Laura Pausini, que lhe presenteia uma canção inédita inspirada em São Francisco

A famosa cantora italiana, também conhecida no exterior, foi recebida esta manhã por Leão XIV no Vaticano. "Já desde Sanremo eu era seu fã. Meu secretário é o maior fã da América Latina", disse o Papa. A artista lhe entregou uma interpretação sua tirada do Cântico das Criaturas. O Pontífice também recebeu como presente uma placa da Billboard Women in Music, iniciativa que promove a voz e a presença das mulheres na indústria musical.

Salvatore Cernuzio – Vatican News

O Papa Leão XIV encontrou-se com a cantora Laura Pausini na manhã desta quarta-feira (12/11), no Vaticano, e disse que é "seu fã" desde o seu Sanremo, em 1993, em que ela venceu na categoria Novas propostas.

No entanto, "o maior fã, se não no mundo, pelo menos na América Latina" é seu secretário particular, o padre Edgard Rimaycuna Inga. O próprio Leão XIV declarou isso à famosa cantora, estrela na Itália e no cenário da música hispânica, no início do encontro particular, antes da Audiência Geral desta quarta-feira, na salinha de recepção dentro da Sala Paulo VI.



"Sinto-me super abençoada", exclamou Pausini, comovida, levando a mão à boca. "Tudo isto me emociona..." Sorrisos, piadas e algumas frases em espanhol, idioma que aprendeu em várias turnês mundiais e no qual agora é fluente, foram trocados entre o Papa e a artista de 51 anos, que também relembrou sua apresentação no Peru, "la primera vez", quando tinha 25 anos.

Um presente: uma canção do "Cântico das Criaturas"

Laura Pausini presenteou o Papa com uma canção única e inédita, uma interpretação de "Irmão Sol, Irmã Lua", do "Cântico das Criaturas" de São Francisco de Assis. "Uma mensagem de paz e amor pela criação", explicou a cantora, que apoia fazer tornar o dia 4 de outubro um "feriado nacional", dia em que a Igreja celebra a memória do Pobrezinho de Assis, padroeiro da Itália. "Espero que goste!" O Papa Leão recordou que, no próximo ano, a partir de janeiro, haverá um ano jubilar inteiro dedicado a São Francisco, marcando o aniversário de 800 anos de sua morte, durante o qual seus restos mortais também serão expostos. "Então, escolhi essa data de propósito", disse Pausini. "Verdadeiramente providencial", respondeu Leone.

Um prêmio para as mulheres

Laura Pausini estava acompanhada por uma delegação da edição italiana da revista musical Billboard Italia, guiada pelo empresário musical Tommaso Perna, que, junto com a codiretora Silvia Danielli, entregou ao Papa uma placa simbólica da Billboard Women in Music. Trata-se de um

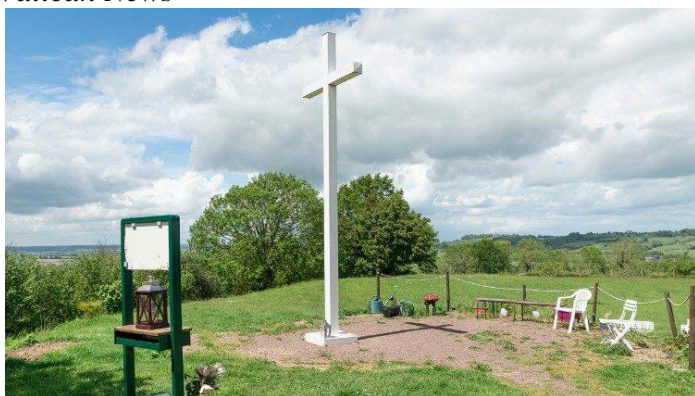
encontro organizado pela Billboard todos os anos "para que as vozes das mulheres sejam sempre reconhecidas no mundo da música, tanto as artistas quanto as que trabalham na indústria musical. Isso é importante", explicou Danielli. Laura Pausini foi homenageada com o Prêmio Ícone Global porque "conseguiu fazer sua voz ser ouvida como mulher".

Fonte: Vatican News

Dicastério para a Doutrina da Fé: “As supostas aparições de Dozulé não são sobrenaturais”

A carta do cardeal-prefeito Fernández confirma definitivamente o parecer negativo, proposto pelo bispo de Bayeux-Lisieux, sobre o fenômeno que envolveu a suposta vidente Madeleine Aumont, ocorrido na década de 1970 e ligado ao projeto de erigir uma cruz luminosa de enormes dimensões que garantiria a remissão dos pecados e a salvação àqueles que se aproximassem dela.

Vatican News



A Cruz de Dozule

“O fenômeno das supostas aparições ocorridas em Dozulé” relacionadas à construção de uma cruz monumental que garantiria a remissão dos pecados e a salvação àqueles que se aproximassem dela, “deve ser considerado, de forma definitiva, como não sobrenatural”. É o que estabelece o Dicastério para a Doutrina da Fé em uma carta assinada pelo cardeal-prefeito, Victor Manuel Fernández, na qual se autoriza o bispo de Bayeux-Lisieux Jacques Habert a emitir o decreto correspondente. A decisão foi aprovada por Leão XIV no passado dia 3 de novembro. Na pequena cidade francesa de Dozulé, entre 1972 e 1978, Jesus teria aparecido 49 vezes à mãe de família Madeleine Aumont, pedindo a realização da chamada “Cruz Gloriosa de Dozulé”, nunca construída: ela deveria ser toda iluminada e atingir a altura de 738 metros, com braços de 123 metros, visível, portanto, de muito longe como sinal de redenção universal. Nas últimas décadas, em vários países do mundo, foram erguidas as “Cruzes do Amor”, reduções em escala de um para cem daquela “Gloriosa”.

Já em abril de 1983, o então bispo diocesano Jean-Marie-Clément Badré afirmava que “em nenhum caso a construção de uma cruz monumental empreendida em Dozulé (...) pode ser um sinal autêntico da manifestação do Espírito de Deus”. O mesmo bispo declarou em 8 de dezembro de 1985: “No que diz respeito ao que está acontecendo em Dozulé, a ação e a agitação, a arrecadação de fundos por pessoas que agem por conta própria, sem mandato, sem qualquer respeito pela autoridade do bispo, (...) a propaganda fanática a favor da ‘mensagem’, (...) a condenação sem apelo daqueles que não aderem a ela, levam-me a considerar, em consciência, que, além de toda essa agitação, não consigo discernir os sinais que me autorizariam a declarar autênticas as ‘aparições’ de que se fala”. O atual bispo Habert, com base nas recentes normas para proceder ao discernimento dos supostos fenômenos sobrenaturais, propôs ao Dicastério uma “declaração de não sobrenaturalidade”.

“O Dicastério – lê-se na carta do cardeal Fernández – a autoriza a declarar definitivamente que o fenômeno das supostas aparições de Dozulé é reconhecido como não sobrenatural, ou seja, que não tem uma origem divina autêntica.” Entre os elementos problemáticos destacados nas mensagens, está a comparação entre “a cruz solicitada em Dozulé e a de Jerusalém”, o que “corre o risco de confundir o sinal com o mistério e dar a impressão de que se pode 'reproduzir' ou 'renovar' em sentido físico o que Cristo já realizou de uma vez por todas”. Salienta-se ainda que “algumas formulações contidas nas supostas mensagens de Dozulé insistem na construção da Cruz Gloriosa, como um novo sinal, necessário para a salvação do mundo, ou meio privilegiado para obter o perdão e a paz universal. Às vezes se fala em 'multiplicar o sinal', como se tal difusão constituísse uma missão imposta pelo próprio Cristo”.

O Dicastério para a Doutrina da Fé observa que “a Cruz não precisa de 738 metros de aço ou cimento para ser reconhecida: ela se eleva cada vez que um coração, sob a ação da graça, se abre ao perdão, que uma alma se converte, que a esperança ressurgue onde parecia impossível, e também quando, beijando uma pequena cruz, um crente se entrega a Cristo”. E reitera que “revelação privada deve ser considerada uma obrigação universal ou um sinal que se imponha à consciência dos fiéis, mesmo que, juntamente com tais fenômenos, se produzam frutos espirituais. A Igreja encoraja as expressões de fé que conduzem à conversão e à caridade, mas adverte contra qualquer forma de “sacralização do sinal” que leve a considerar um objeto material como garantia absoluta da salvação”.

Nas mensagens de Dozulé, é dito que “todos aqueles que vierem se arrepender aos pés da Cruz Gloriosa serão salvos”, que “a Cruz Gloriosa perdoará todos os pecados” e que todos aqueles que “com fé chegarem lá para se arrependerem, serão salvos nesta vida e para a eternidade”. Afirmções consideradas pelo Dicastério “incompatíveis com a doutrina católica da salvação, da graça e dos sacramentos”.

A carta cita ainda outras mensagens que foram desmentidas pelos fatos, como, por exemplo, aquela segundo a qual Jesus teria pedido que se realizasse a “Cruz Gloriosa e o Santuário” até o final do Ano Santo de 1975, “porque será o último Ano Santo”. Circunstância que não é verdadeira, uma vez que, desde então, foram celebrados outros dois Anos Santos ordinários (2000 e 2025) e outros dois extraordinários (1983 e 2016). São também enumeradas afirmações apocalípticas, como a de que Jesus teria dito: “Se o homem não erguer a Cruz, eu a farei aparecer, mas não haverá mais tempo”.

“A cruz como sinal de devoção – conclui o Dicastério para a Doutrina da Fé com uma reflexão particular sobre o valor da cruz como sacramental – nunca é pura exterioridade. Quando um cristão venera a cruz, não adora a madeira ou o metal, nem pensa que uma cruz material possa substituir a obra salvífica já realizada na Páscoa de Cristo, mas adora Aquele que nela deu a vida.”

Fonte: Vatican News

Santa Sé na ONU: manter a paz é uma responsabilidade compartilhada

O observador permanente da Santa Sé nas Nações Unidas intervém sobre as operações de manutenção da paz para reiterar que elas estão a serviço da proteção dos civis. Preocupação com o número crescente de ataques contra as forças de paz da ONU: “Cada vida perdida é um lembrete cruel dos riscos que correm aqueles que servem em campo e da obrigação comum de garantir sua segurança”

Vatican News



A intervenção do arcebispo Caccia na ONU sobre as operações de manutenção da paz

As operações de manutenção da paz devem ser capazes de "proteger civis" e ser parte integrante das estratégias políticas, humanitárias e de desenvolvimento. Manter a paz é uma responsabilidade compartilhada, e os responsáveis por sua preservação devem poder contar com os "recursos necessários para enfrentar os desafios que surgirem". O arcebispo Gabriele Caccia, observador permanente da Santa Sé junto às Nações Unidas em Nova Iorque, reiterou a posição do Vaticano na terça-feira, 11 de novembro, na IV Comissão sobre Operações de Manutenção da Paz.

A preocupação da Santa Sé

O número crescente de ataques contra as forças de paz da ONU "é motivo de grande preocupação" e "cada vida perdida é um lembrete cruel dos riscos enfrentados por aqueles que servem

em campo e da obrigação compartilhada de garantir sua segurança". Daí, a homenagem da Santa Sé a todos os membros das forças de paz, "em particular àqueles que perderam a vida a serviço da paz".

A responsabilidade de manter a paz

As operações de manutenção da paz, enfatiza o arcebispo, "continuam a incorporar o compromisso da comunidade internacional com a proteção dos mais vulneráveis e o apoio às comunidades que saem de conflitos". Essas ações servem como um lembrete de que "a busca pela paz é uma responsabilidade compartilhada" e que "seu impacto positivo na estabilização de contextos frágeis, na proteção de civis e na facilitação de transições políticas é inegável e merece apoio renovado".

Os riscos para as vidas dos soldados da paz e dos civis

Sucessos e fracassos têm caracterizado as operações de manutenção da paz ao longo do tempo. Apesar do progresso alcançado, "as missões de hoje operam em circunstâncias de complexidade sem precedentes", esclareceu dom Caccia. "A disseminação de informações falsas e desinformação, as ameaças regionais e transnacionais e a presença cada vez mais disseminada de atores armados não estatais estão transformando os ambientes em que os soldados da paz operam", cujas vidas, assim como as dos civis, também são colocadas em risco "pelo uso crescente de tecnologias emergentes", novamente "por atores não estatais".

O apelo do Papa

Em conclusão, o arcebispo recorda o apelo de Leão XIV para que a diplomacia "silencie as armas" e para que as nações tracem "seus futuros com obras de paz, não com violência e conflitos sangrentos". Dom Caccia espera que este poderoso apelo inspire a humanidade a fortalecer seu "compromisso com a diplomacia e a cooperação multilateral, e a proteger toda vida humana, para que a paz possa criar raízes e perdurar".

Fonte: Vatican News

Visita do cardeal Michael Czerny a Bangladesh

Em sua visita pastoral a Bangladesh, o prefeito do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, cardeal Michael Czerny, visitou o campo de refugiados de Cox's Bazar – Campo Rohingya de Ukhia, um dos maiores campos de refugiados do mundo, com mais de 1 milhão e 100 mil rohingyas acolhidos após fugirem de Mianmar. Ali, a Cáritas está comprometida na atividade pastoral em favor das crianças, das mulheres, das famílias e de todas as pessoas vulneráveis.

Vatican News



Cardeal Czerny em Bangladesh

O prefeito do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral (DSDHI), cardeal Michael Czerny SJ, realizou uma visita pastoral a Bangladesh.

O purpurado visitou o campo de refugiados de Cox's Bazar – Campo Rohingya de Ukhia, junto com o núncio apostólico, dom Kevin Randall, e o secretário da Comissão Episcopal de Justiça e Paz, pe. Liton Hubert Gomes. A delegação do DSDHI também foi composta pelo padre Joseph Savarimuthu e pela coordenadora regional, Francesca Donà.

Ao chegar a Cox's Bazar, a delegação foi recebida na sede da Cáritas Bangladesh, onde se encontrou com todo o pessoal da organização, presidida pelo arcebispo de Chattogram, dom Lawrence Subrata Howlader CSC.

Juntos, visitaram uma parte de Cox's Bazar onde a Cáritas está muito comprometida na atividade pastoral em favor das crianças, das mulheres, das famílias e de todas as pessoas vulneráveis. Entre as atividades que realizam no campo, Cáritas Bangladesh promove diversas ações nas áreas da saúde, educação formal, apoio escolar, formação em costura, direitos humanos, empoderamento das mulheres e conversão ecológica.

Além disso, o Cardeal Czerny se reuniu no acampamento com algumas crianças e seus educadores, visitou uma família, esteve em uma oficina de artesanato e participou de um momento de oração inter-religiosa.



Cardeal Michael Czerny em visita a Bangladesh

Cox's Bazar é um dos maiores campos de refugiados do mundo, com mais de 1 milhão e 100 mil pessoas rohingya acolhidas após fugirem de Mianmar. Bangladesh começou a receber refugiados rohingya na década de 1970, mas o fluxo aumentou exponencialmente desde 2017, com mais de um milhão de pessoas, das quais 50% são menores de idade.

Além disso, o prefeito do DSDHI em Dhaka teve vários encontros pastorais, entre eles, reuniu-se com os bispos de Bangladesh e encontrou-se com a Comissão Episcopal de Justiça e Paz, que este ano comemora 50 anos de atividade. Por esse motivo, o Cardeal Czerny participou da festa jubilar com encontros e celebrações.

Outro momento significativo ocorreu em Peter Bhaban, centro da União de Crédito em Moradnagar, Modonpur, Narayanganj, que acompanha pastoralmente famílias de migrantes cristãos indígenas e oferece programas de formação. Nessa ocasião, o prefeito celebrou a Missa pelo Jubileu dos Migrantes na presença de aproximadamente 600 pessoas.

Na Catedral de Santa Maria, em Daca, o Cardeal Czerny celebrou a missa na Festa de Todos os Santos. No dia seguinte, participou de uma celebração eucarística na maior igreja de Bangladesh, a Igreja do Santo Rosário, na presença de 5.000 pessoas, com a procissão final até o cemitério adjacente.

Além disso, o cardeal Czerny saudou algumas autoridades civis, entre elas o presidente do Supremo Tribunal de Bangladesh, Syed Refaat Ahmed.

Fonte: Vatican News

COP30, Belém: tomar decisões para reduzir as emissões de CO2

E aqui na COP30 já se fala da COP 32, ou seja, a 32ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas em 2027. Possível que se realize na Etiópia. Uma escolha aprovada pelos países africanos durante a COP30. Dezenas de manifestantes invadiram nesta terça-feira (11/11) a área restrita da cúpula climática da ONU, em Belém (COP30), para protestar contra o impacto do aquecimento global na saúde das pessoas.

Silvonei José - Belém

Terceiro dia de trabalhos no âmbito da COP30. A ausência dos Estados Unidos é sentida na cúpula sobre mudanças climáticas no Brasil, em Belém. A principal preocupação dos analistas na COP30 é a impossibilidade de avançar sem um país tão importante, tanto por sua responsabilidade histórica pela poluição do ar quanto pelas decisões que precisa tomar para reduzir as emissões de CO2. O foco, portanto, será tirar conclusões e elaborar um balanço, bem como aprovar os Planos Nacionais atualizados, que descrevem a contribuição de cada país para salvar a humanidade. Para a embaixadora de Palau, Ilana Seid, presidente da Aliança dos Estados Insulares, a retirada dos EUA do Acordo de

Paris "realmente mudou o eixo" do sistema de negociação. A expectativa é de como poderão terminar as negociações em Belém, alguns dizem, sem surpresas.

Os Estados Unidos são um dos quatro países ausentes; os outros são San Marino, Afeganistão e Myanmar. O ponto de partida para todos os demais países, reunidos na porta de entrada da Amazônia, é um entendimento comum: devemos reduzir as emissões de combustíveis fósseis, a principal causa do aquecimento global. "A humanidade ainda se vê lutando essa batalha", observou Simon Stiell, secretário-executivo da UNFCCC (Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima). "Temos adversários difíceis, mas também forças poderosas ao nosso lado. Uma delas é o mercado, à medida que a energia renovável se torna mais acessível". O exemplo a seguir é o da cooperação. Segundo o atual presidente da COP, o brasileiro André Correa do Lago, os negociadores devem agir em 'mutirão', que indica uma comunidade unida para realizar uma tarefa específica.

Por sua vez no âmbito da COP30 a Comissão da União Africana organizou um Dia da África para promover um diálogo entre instituições que possam traduzir as propostas do continente em resultados concretos. A conferência, realizada ontem, 11 de novembro, foi organizada pela UA em colaboração com o Grupo Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), a Comissão Econômica das Nações Unidas para a África (UNECA) e a Agência de Desenvolvimento da União Africana (AUDA-NEPAD). O tema: "África na vanguarda da ação climática: financiamento sustentável para um crescimento verde resiliente e inclusivo."

Com base nas conclusões da Segunda Cúpula Africana do Clima, realizada em Adis Abeba de 8 a 10 de setembro, o Diálogo do Dia da África na COP30 visou, em particular, garantir compromissos vinculativos dos países desenvolvidos para alocar pelo menos 30% do financiamento climático a iniciativas africanas e para desenvolver um roteiro para o comércio de emissões de carbono, liderado pela Área de Livre Comércio Continental Africana (AFCFTA).

Nesta COP30, os países africanos e o Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) irão solicitar a triplicação do financiamento destinado à adaptação do continente às mudanças climáticas, um processo que está estimado em US\$ 70 bilhões anualmente, mas para o qual a África recebeu apenas US\$ 14,8 bilhões (dados de 2023).

E aqui na COP30 já se fala da COP 32, ou seja, a 32ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas em 2027. Possível que se realize na Etiópia. Uma escolha aprovada pelos países africanos durante a COP30. O grupo de países africanos escolheu a Etiópia, disse à imprensa Richard Muyungi, presidente dos negociadores africanos. A decisão, embora ainda aguarde ratificação por todas as nações participantes até o final da conferência em 21 de novembro, é considerada uma mera formalidade.

As conferências climáticas da ONU são realizadas em sistema de rodízio entre cinco blocos regionais, que devem designar consensualmente o país anfitrião. Este ano, o Brasil representou a América Latina e o Caribe, enquanto a Etiópia obteve o consenso africano, superando a Nigéria.

A incerteza continua em torno da COP31 do próximo ano. A Austrália propõe Adelaide como cidade anfitriã, mas a Turquia insiste em Antalya, ambos os países pertencentes ao grupo "Europa Ocidental e Outros Estados". As negociações continuam em Belém: se não houver acordo, a COP31 poderá ser realizada em Bonn.

Manifestações

Dezenas de manifestantes invadiram nesta terça-feira (11/11) a área restrita da cúpula climática da ONU, em Belém (COP30), para protestar contra o impacto do aquecimento global na saúde das pessoas. Os participantes contornaram os arcos de segurança e, já à noite, acessaram o saguão da grande tenda administrada pela ONU, onde se realizam as negociações climáticas. Isso provocou uma cena de caos, pois, naquele momento, muitos membros das delegações nacionais se preparavam para sair do recinto. Após alguns minutos, a equipe de segurança da ONU expulsou os manifestantes da área.

"A crise climática é uma crise de saúde!", gritavam os participantes da marcha, entre os quais havia profissionais de saúde e indígenas amazônicos. Em poucas regiões o impacto das mudanças climáticas sobre a saúde é tão sentido quanto na Amazônia, onde fica Belém e que em 2024 foi atingida por uma seca histórica, agravada por múltiplos incêndios. Aumentaram os casos de doenças respiratórias e também de dengue, já que o aumento das temperaturas acelera a reprodução dos mosquitos que transmitem o vírus.

COP30 e as crianças

Aproximadamente 48 milhões de crianças por ano, ou uma média de 136 mil por dia, foram afetadas por desastres climáticos desde a primeira COP (Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima), realizada há 30 anos para abordar a crescente crise climática global. Essa informação é revelada por uma nova análise de Save the Children, que participa da COP30. A ONG pretende reiterar a urgência de proteger o futuro das novas gerações e capacitá-las a participar das decisões que as afetam, intensificando o financiamento e as ações para combater as mudanças climáticas.

A crise climática é uma crise dos direitos da criança que afeta as crianças em primeiro lugar e de forma mais severa, ameaçando sua saúde, educação e futuro, especialmente nos países mais vulneráveis.

A COP30 ocorre em um contexto de eventos climáticos extremos contínuos e cada vez mais devastadores, que forçam milhões de crianças a deixarem suas casas, interrompem sua educação e as colocam em risco de fome, além de colocarem sua saúde e segurança em risco.

Esses desastres, desde ondas de calor e incêndios florestais em partes da Europa, até inundações mortais na Ásia, América Latina e partes da África, passando por tufões e ciclones tropicais consecutivos nas Filipinas, ressaltam a necessidade urgente de ações climáticas decisivas.

Fonte: Vatican News

COP30: Irmã Luciane e a missão com as crianças no Quênia

Irmã Luciane de César, da congregação das Pobres Servas da Divina Providência, trabalha com crianças em vulnerabilidade no Quênia, oferecendo abrigo e educação a meninas e meninos de rua.

Silvonei José – Belém

No âmbito da COP30, na visita que fizemos ao Barco-Hospital Papa Francisco e o Barco-Hospital Papa São João XXIII estão no porto do distrito de Icoaraci, em Belém, tivemos a alegria de encontrar Irmã Luciane DeCesaro, das Pobres Servas da Divina Providência, que se encontra em missão no Quênia. Nós conversamos com ela:

Irmã Luciane DeCesaro conta um pouco da sua missão no Quênia, na África.



Irmã Luciane DeCesaro, das Pobres Servas da Divina Providência.

A minha missão no Quênia, na África. Como a missão das minhas irmãs lá, é tomar conta de crianças, as meninas que moram conosco, que são meninas em grande vulnerabilidade, meninas que tiveram problemas com a família, de abuso, etc., também com os meninos de rua. Na verdade, nós fazemos parte de um projeto. Os meninos de rua que aderem ao nosso projeto podem morar na casa com os irmãos. Eles podem estudar e ter o abrigo da casa. As meninas que moram conosco, as irmãs, são meninas que, como eu falei, tiveram esse tipo de problema. E, portanto, vivem conosco. Elas vão à escola, elas vão à igreja, mas voltam para a nossa casa. Vivem conosco. Enquanto os processos jurídicos duram, ou algumas por toda a vida mesmo. E, além disso, nós também fazemos um trabalho, assim, já na paróquia, porque a paróquia também pertence à nossa congregação dos pobres servos da Divina Providência. Então, lá, nós somos a família calabriana. Os irmãos, os padres e as irmãs. E trabalhamos com essas crianças. E temos também esse centro diurno para meninos de rua na cidade.

Qual é a realidade hoje do país?

O Quênia é um país pobre, mas é um país que é a pátria de pessoas que têm muita dignidade. Eles vivem, na maioria, de agricultura, uma agricultura de subsistência. Um povo duro, sofrido, mas com uma dignidade, assim, impressionante. E a gente só lamenta, que eles não tenham oportunidades, também de viver com maior dignidade. Especialmente as crianças não têm acesso à educação, a educação pública ainda é paga. E isso deixa muitas crianças fora da educação. Saúde é outro drama, é outro drama. Tanto é verdade que as pessoas ainda recorrem muito à medicina tradicional, porque o hospital eles não têm, eles não têm acesso ao hospital e a remédios. Não têm também outros serviços básicos. E, inclusive, por exemplo, nós não temos ainda leis, trabalhistas, as coisas que aqui no Brasil seriam as coisas, tão normais, tão comuns, tão, até mesmo já de velha data, lá não, ainda não, ainda não chegamos lá. Então, nesse sentido, eu, assim, eu vejo eles, como pessoas menos privilegiadas, mas é muito gratificante trabalhar lá, eu garanto.

A Congregação

A Congregação das Pobres Servas da Divina Providência, fundada por São João Calábria e oficialmente reconhecida em 1957, é composta, atualmente, por cerca de 100 irmãs.

O dia 17 de abril de 1910, data histórica da fundação da Congregação das Irmãs, coloca-se num contexto verdadeiramente desafiador para o Padre João Calábria, como ele mesmo relata em um dos seus escritos: "Foi o Senhor, sem que eu pensasse, que, por meio de várias circunstâncias, empurrou-me, diria quase docemente me coagiu, a recolher piedosas mulheres que se sentissem dispostas a auxiliar os irmãos nas funções mais específicas do sexo feminino, para o bem das pobres criaturas abandonadas e recolhidas nos tetos da Divina Providência". São duas as Irmãs que constituem o início desta fundação: a Irmã Ângela de Battisti e a Irmã Lavínia Perez.

Padre Calábria, sempre atento aos sinais de Deus, percebe a vontade divina através das necessidades de contar com a ajuda de algumas mulheres ao garantir um cuidado junto aos menores acolhidos na casa, ocupando-as com tarefas domésticas e aos cuidados e carinho próprios da figura materna.

Para saber mais sobre as Irmãs Pobres Servas, acesse o site oficial www.pobresservas.org.br

Fonte: Vatican News

A presença da Igreja assusta aqueles que querem destruir a Amazônia

“As comunidades indígenas nos acolhem, felizes pela nossa presença, pedindo-nos para não ir embora. A presença da Igreja é profética: vai além da religião. Protege a vida e aquilo que nos rodeia.” As palavras são do padre Wellington Abreu, jovem missionário salesiano, sobre a ação pastoral na Amazônia

Guglielmo Gallone - Cidade do Vaticano



Padre Wellington Abreu com parte de sua comunidade na Amazônia.

“A presença da Igreja nas florestas da Amazônia assusta, não as comunidades indígenas, mas a quem quer invadir e desfrutar esse território para obter os minerais e destruir a natureza. Nós somos uma barreira”. As palavras de padre Wellington Abreu foram repercutidas na mídia vaticana justamente enquanto os líderes do mundo estão no Brasil para participar da COP30 em Belém, cidade que é porta de entrada para a região amazônica. Elas nos recordam como o compromisso diário e corajoso para o destino do mundo se lança também, e sobretudo, longe dos holofotes: na concretude dos gestos.

O compromisso dos salesianos na Amazônia

Padre Wellington é um jovem sacerdote salesiano, pároco da paróquia de São Miguel Arcanjo, em Iauaretê, na diocese de São Gabriel da Cachoeira, cidade do Estado do Amazonas. Iauaratê significa “Cabeça de Jaguar”. É um cruzamento de treze etnias e cinco línguas onde o rio é vida, a floresta é casa e certas árvores são sagradas.

Basta pensar a “Cabeça da Onça”, uma aldeia localizada ao longo do rio Papurí, habitado pelos Hupda, uma população indígena que vive da caça, da pesca e do cultivo da mandioca, privada de acesso à internet.

No ano passado, a presença constante dos salesianos levou a um resultado extraordinário: 47 indígenas, 90% da comunidade Hupda, foram batizados depois de um ano intenso de catecismo.

No entanto, a região Norte da Amazônia permanece um ponto vulnerável: onde existe fronteira, chegam os traficantes de drogas; onde há os minerais, os invasores. E aqui, a lei não basta. O sinal telefônico não existe, o Estado está longe. Quem fica ao lado dessas pessoas?

Proteger a vida e aquilo que a cerca

“Nós, graças a Deus, conseguimos estar lá e preservar a natureza, mas as coisas não vão muito bem na região vizinha, Roraima, onde, dois anos atrás, a chegada dos garimpeiros destruiu o rio, matou muitos animais e fez a população adoecer gravemente. Acredito que a nossa presença assusta esses grupos que querem invadir o ambiente. E entendemos isso quando as comunidades indígenas nos acolhem, felizes, pela nossa presença, pedindo-nos para não irmos embora. Diria que a presença da Igreja, que é profética, vai além da religião: Protege a vida e aquilo que nos rodeia. É uma ideia concreta de ecologia integral”, considera padre Wellington.

Distâncias e narcotráfico: os principais problemas

Ideia que não é fácil de aplicar, no entanto. Na Amazônia, tem, antes de tudo, o problema das distâncias. “A nossa província é a de Manaus e de Manaus a São Gabriel da Cachoeira são quase duas horas de avião ou quatro dias de barco. Depois, de São Gabriel para minha aldeia são necessárias 12 horas de embarcação com um motor de 40 cavalos para, no máximo, oito pessoas. Outro problema: o custo do combustível é altíssimo. Às vezes temos que caminhar quatro ou seis horas”, relata o sacerdote.

Depois, tem que considerar o narcotráfico. “Nós estamos em uma área fronteira e no ano passado tivemos problemas com os traficantes que vieram da Colômbia: queriam invadir o nosso espaço para recuperar terra. Com a ajuda dos militares, a situação agora está tranquila, mas o tráfico de drogas passa pela fronteira e chega em outras cidades do Brasil, terminando por envolver também a comunidade indígena e, sobretudo, lamento dizer isso, os mais jovens. Para eles, trata-se de dinheiro fácil”, pontua padre Wellington.

A esperança nos jovens

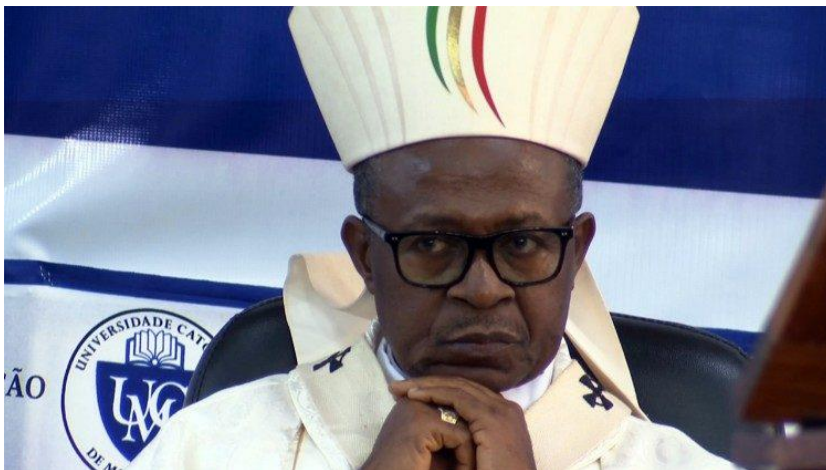
Porém, conclui Wellington, “isso torna a nossa presença ainda mais importante: com as nossas seis escolas, queremos ajudar os mais de 300 jovens que estão conosco e ajudar os habitantes da Amazônia a terem consciência da vida, da sua beleza. Estar presentes: não só na relação com Deus, mas em fazer descobrir a alegria da vida”.

Fonte: Vatican News

Moçambique - Dom Inácio Saure pede oração pelas vocações

O Arcebispo de Nampula, Dom Inácio Saure, fala da importância da oração e do apoio material na formação de novos sacerdotes. Foi no final da Missa celebrada domingo, 9/11/25, e em que ordenou mais dois padres. Apesar do aumento de vocações, o prelado considera que as necessidades continuam a ser imensas. A Associação dos Cooperadores Diocesanos de Nampula - CODINA - apela, por seu lado, à solidariedade para com os padres diocesanos.

Cremildo Alexandre – Nampula



Dom Inácio Saure - Arcebispo de Nampula

O Arcebispo de Nampula, Dom Inácio Saure, sublinhou, domingo 9/11/25, que a vocação sacerdotal continua a ser um dom de Deus, mesmo num tempo marcado por grandes desafios para os jovens. Em entrevista à Rádio Vaticano, o prelado lembrou que, apesar das distrações do mundo moderno, é no meio do barulho da vida que “se faz ouvir a voz de Deus”.

“Os jovens de hoje enfrentam os desafios próprios do tempo — a era digital, a inteligência artificial e tantas propostas do mundo —, mas não podemos ver isso como obstáculos intransponíveis. É no meio dessas dificuldades que o chamamento de Deus pode ser experimentado”, afirmou Dom Inácio.

Segundo o Arcebispo, os sinais da vocação surgem dentro das comunidades cristãs, quando os jovens percebem as necessidades da Igreja e sentem o desejo de servir. “As interpelações que nascem do serviço à comunidade são as mediações através das quais Deus chama ao seu serviço”, explicou.

A Arquidiocese de Nampula conta actualmente com 46 sacerdotes, número que deverá subir para 47 nos próximos dias. No entanto, Dom Inácio lembra que o número ainda é insuficiente para servir mais de um milhão e trezentos mil católicos. “Precisamos continuar a rezar para que o Senhor chame mais jovens ao seu serviço, mas também precisamos de apoio material, porque a formação implica custos — viagens, alimentação, saúde e material escolar”, apelou.

O prelado destacou ainda a importância da auto-sustentabilidade económica da Igreja local e da criação de grupos de apoio aos padres e seminaristas. Entre essas iniciativas está a Associação CODINA (Cooperadores Diocesanos de Nampula), que trabalha para fortalecer o clero e apoiar as vocações.

Falando em nome do grupo, um representante da CODINA explicou que o objectivo é “levantar as mãos dos padres”, apoiando-os com oração, carinho e ajuda concreta. “Os padres são humanos, têm as suas fraquezas. Se não os ajudarmos, eles podem cair. Por isso, é preciso estar próximo deles, rezar e oferecer apoio. Se o padre não for sustentado, as famílias também não vão oferecer mais filhos para o sacerdócio”, afirmou.



Padres da Arquidiocese de Nampula

A CODINA apela à criação de núcleos em todas as paróquias da diocese, reforçando que “a Igreja precisa de padres todos os dias, padres que estejam no altar e próximos do povo”.

Dom Inácio concluiu com um convite à esperança: “A vocação é um dom e uma responsabilidade. Que cada comunidade e cada família faça a sua parte — rezando, apoiando e encorajando os jovens a responder com generosidade ao chamamento de Deus.”

Fonte: Vatican News

Salesianos: em Gênova, o 150º aniversário da primeira missão

De segunda-feira, 10 de novembro, até esta quarta-feira, 12, em Gênova - norte da Itália -, celebra-se a partida dos dez missionários para transmitir o Evangelho e o amor de Deus aos mais jovens, pobres e necessitados de Buenos Aires. Padre Sergio Pellini, diretor da Obra Dom Bosco – Gênova Sampierdarena, afirma: “A gratidão é a primeira emoção que se sente. Mas também se sente um senso de responsabilidade”

Pietro Piga - Vatican News



Dom Bosco entre os jovens

Como há 150 anos, o Porto Antigo de Gênova - norte da Itália - recebe os missionários salesianos. Daí, em 11 de novembro de 1875, a bordo do navio a vapor Savoie, os primeiros dez filhos espirituais de São João Bosco partiram para a distante Argentina, depois de ouvir sua mensagem: “Busquem almas, não dinheiro, nem honras, nem dignidade”. Neste mesmo lugar, esta quarta-feira, 12 de novembro, às 10 horas locais, os novos missionários embarcaram em um barco até La Lanterna, o farol do porto da capital da Ligúria, renovando o mandato da Congregação e tecendo um fio com os coirmãos que partiram na primeira viagem para transmitir o Evangelho e o amor de Deus aos mais jovens, pobres e necessitados de Buenos Aires. Este trajeto a partir do Porto Antigo constitui um dos atos finais das celebrações do 150º aniversário da primeira expedição missionária salesiana: tendo tido início na segunda-feira, 10 de novembro, e concluindo-se esta quarta-feira, realizando-se nos espaços do Instituto Dom Bosco – Gênova Sampierdarena.

As comemorações

“Nesta ocasião, a gratidão é a primeira emoção que se sente. Mas também se sente um senso de responsabilidade, dado o dever de transmitir à posteridade, com entusiasmo, paixão e sacrifício, a fidelidade ao sonho de Dom Bosco, continuar a dar atenção aos jovens e prioridade ao âmbito educacional”, afirma à mídia vaticana padre Sergio Pellini, diretor da Obra Dom Bosco – Genova Sampierdarena, ex-diretor geral da Tipografia Vaticana – Editora “L’Osservatore Romano” e capelão da Direção dos Serviços de Segurança e Proteção Civil do Estado da Cidade do Vaticano. O programa das comemorações foi aberto na noite de segunda-feira, às 20h30, com a exibição de alguns documentários missionários no Cinema “Dom Bosco” – “Clube Amigos do Cinema”. Na terça-feira, à mesma hora, foi realizada a vigília missionária de oração, com interlúdios musicais do maestro Stefano Manna, na igreja de São Gaetano. Esta quarta-feira, por sua vez, houve três eventos finais: além do percurso de barco dos missionários, no Porto Antigo, às 11h15, foi inaugurada uma placa comemorativa da primeira expedição missionária salesiana, na presença do Reitor-Mor da Congregação Salesiana, padre Fabio Attard, e da superiora geral do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, madre Chiara Cazzuola; às 12h30, após a missa na paróquia, foi inaugurado o Museu das Expedições Missionárias.

O novo museu

“A primeira parte será dedicada à estadia de Dom Bosco em Gênova e será possível visitar seu quarto – antecipou padre Pellini. Ele esteve aqui 49 vezes, rezou, refletiu e planejou, realizando um grande trabalho de discernimento e preparação da nova fronteira: as expedições missionárias salesianas”. Em outro espaço serão expostos alguns de seus objetos, como o chapéu e as cartas autografadas enviadas aos benfeitores que o ajudaram no desenvolvimento da obra salesiana, os paramentos litúrgicos e a cruz missionária. Outras duas salas foram montadas para lembrar o chefe da primeira expedição missionária, bem como o primeiro bispo e cardeal salesiano, Giovanni Cagliero, e o primeiro diretor do Instituto Dom Bosco – Gênova Sampierdarena, padre Paolo Albera. O percurso dentro do museu terminará com a exposição centrada nas missões atuais em 136 nações, nas quais estão envolvidos mais de 10 mil missionários. “Hoje, mais do que nunca, a presença é importante. Nossa Congregação nunca recua, mesmo nas frentes mais complexas – conclui padre Pellini. Dar força e coragem aos jovens, encorajando-os a olhar para o futuro com confiança, é o que se pede a cada missionário salesiano”.

Fonte: Vatican News

Gaza: Israel reabre passagem de Zikim para entrada de ajuda humanitária

Na sequência da decisão de Israel, três pontos de acesso foram abertos para permitir a entrada de suprimentos no enclave palestino. Abbas a Macron: compromisso com reformas e eleições na Palestina

Vatican News

A passagem de fronteira de Zikim foi reaberta para a entrada de ajuda humanitária no norte da Faixa de Gaza. O anúncio foi feito esta quarta-feira em um comunicado do Coordenador das atividades governamentais nos territórios (Cogat). A passagem de Zikim havia sido fechada há dois meses, em 12 de setembro, durante a operação "Carruagens de Gideão B" das Forças de Defesa de Israel (FDI), que visava tomar o controle da Cidade de Gaza. O comunicado do Cogat enfatizou que a ajuda será transferida pelas Nações Unidas e organizações internacionais após inspeções de segurança realizadas pela Autoridade para as passagens atualmente abertas: Zikim, Kerem Shalom e Al-Awja.

Questões a serem resolvidas

Um mês após o início da trégua entre Israel e o Hamas, as questões da restituição dos últimos quatro corpos de reféns, que o Hamas estaria procurando na Cidade de Gaza com a ajuda da Cruz Vermelha, e dos 150 militantes bloqueados nos túneis de Rafah, que se recusam a depor as armas sem garantias de passagem segura, permanecem sem solução. Por sua vez, as Nações Unidas e organizações humanitárias ligadas à ONU relataram ter fornecido alimentos para mais de um milhão de pessoas na Faixa de Gaza, embora a situação humanitária permaneça precária. Enquanto isso, os ataques das Forças de Defesa de Israel não cessaram completamente, com a Al Jazeera relatando três ataques nas últimas horas no nordeste de Beit Lahia, dentro das áreas sob controle das FDI na Faixa de Gaza, demarcadas pela chamada "Linha Amarela".

A estabilidade depende de eleições democráticas

Por outro lado, na terça-feira, o presidente palestino Mahmoud Abbas se reuniu com o presidente francês Emmanuel Macron no Palácio do Eliseu. "A França não quer que o Hamas retome o controle da Faixa de Gaza", declarou Macron durante a coletiva de imprensa conjunta, acrescentando que a estabilidade política e institucional palestina depende de uma votação democrática, que deve ser conduzida "de maneira livre e transparente". Abbas, por sua vez, expressou apreço pelo apoio de Paris ao povo palestino e reiterou seu "compromisso em buscar reformas dentro da Autoridade Palestina", incluindo "a realização de eleições presidenciais e legislativas".

Mais violência na Cisjordânia

Segundo a agência de notícias palestina Wafa, Abbas também denunciou mais uma vez a violência de colonos israelenses na Cisjordânia, que se intensificou nos últimos dias. Ainda na terça-feira, militares de Telaviv entrevistaram na área das aldeias de Beit Lid e Deir Sharaf, prendendo vários civis israelenses responsáveis por atacar palestinos e incendiar suas propriedades na região. As próprias Forças de Defesa de Israel anunciaram o ocorrido numa mensagem no Telegram, afirmando que "durante o episódio, quatro palestinos ficaram feridos e foram evacuados para tratamento médico". Pouco depois, as Forças Armadas de Israel se deslocaram para a zona industrial de Baron, onde os agressores haviam se refugiado, e "foram atacadas por civis israelenses, que também danificaram um

veículo militar". O próprio presidente israelense, Isaac Herzog, comentou, classificando os ataques de colonos contra cidadãos palestinos e militares como "chocantes e graves". "Essa violência contra civis e soldados das FDI", disse Herzog, "ultrapassa todos os limites e eu a condeno veementemente". "Todas as autoridades estatais devem agir com firmeza para erradicar esse fenômeno e fortalecer os combatentes das Forças de Defesa de Israel e as forças de segurança que nos protegem dia e noite", acrescentou o presidente.

Fonte: Vatican News

COP30: «Eu adorava o som da chuva. Agora, cada gota traz medo», afirma sobrevivente de supertufão, em evento da Caritas Internacional

Iniciativa incluiu testemunhos da Ásia e da América Latina que exigiram justiça climática



Foto: Caritas/Marcus Túlio Oliveira Neto

Lisboa, 12 nov 2025 (Ecclesia) – Joy Reyes, sobrevivente do supertufão Ulysses que atingiu as Filipinas em 2020, lembrou esta terça-feira as consequências que este fenómeno teve na sua vida, num evento organizado pela confederação internacional da Caritas, no Brasil, no âmbito da COP30.

“Eu adorava o som da chuva. Agora cada gota traz medo”, afirmou a ativista climática, em Belém, citada por um comunicado da organização enviado à Agência ECCLESIA.

“O Imperativo Moral do Financiamento Climático: Abordando a Dívida Ecológica em Ano Jubilar” foi o tema da iniciativa, organizada em parceria com a CAFOD, agência oficial católica de Ajuda de Inglaterra e País de Gales, Catholic Relief Services (CRS), agência humanitária internacional dos bispos dos EUA, o Grupo de Trabalho sobre Dívida e Clima e Living Laudato Si’ Philippines.

“Resiliência não é justiça. Não queremos ser resilientes. Não estamos implorando por misericórdia. Estamos exigindo responsabilidade”, referiu Joy Reyes.

A ativista climática lembrou que teve que transportar os avós para o andar superior enquanto as águas da enchente invadiam a sua casa.

O evento contou também com a participação do bispo D. Pablo Virgilio David, presidente da Conferência Episcopal Católica das Filipinas, que abordou os efeitos devastadores dos ciclones e tufões recorrentes que assolam o país.

“Para aqueles que ainda negam os efeitos das alterações climáticas, convido-os gentilmente a viver connosco por um ano no país mais propenso a desastres do mundo”, referiu.

O cardeal pediu uma mudança dos empréstimos para a restituição, observando o grave desequilíbrio em 2022, quando os países em desenvolvimento pagaram mais em dívidas do que aquilo que receberam em financiamento climático privado, a maior parte na forma de empréstimos.

Da América latina, Carola Micaela Mejía, economista boliviana e coordenadora de Justiça Climática da LATINDADD, referiu que “a dívida é um instrumento neocolonial”.

“Ela mantém as nações dependentes, mesmo quando elas enfrentam a linha de frente da destruição climática”, assinalou, tendo citado dados que mostram que a América latina gasta três vezes mais com o serviço da dívida do que com saúde e educação.

Lucas D'Ávila, coordenador nacional de Meio Ambiente, Risco e Gestão de Emergências da Caritas Brasil, partilhou as evidências de um estudo realizado em 14 territórios, afirmando que “a pobreza e a vulnerabilidade climática são dois lados da mesma moeda”.

“No Brasil, 80% das famílias estão endividadadas e os gastos sociais são reduzidos pelos pagamentos de juros. No entanto, as comunidades não são passivas”, indicou.

O responsável deu o exemplo de grupos financeiros solidários, casas de sementes e bancos comunitários que apoiam milhares de pessoas em toda a região.

Gillian Martin, secretária de Gabinete para Ação Climática e Energia da Escócia, destacou a liderança do país na promoção da justiça climática real, para além das promessas.

A governante deu conta que o primeiro-ministro John Swinney instou os ministros a envolverem-se diretamente com as comunidades da África Oriental que beneficiam dos programas de justiça climática e perdas e danos da Escócia, após uma visita à Zâmbia e ao Maláui.

Gillian Martin salientou que a Escócia trata o financiamento climático como um investimento em vidas, não como um gesto de caridade, e apelou às economias maiores para que passem da promessa à prática.

No final do debate, os oradores alertaram contra «soluções falsas», como as trocas de dívida, que permitem que tudo continue como habitualmente, oferecendo a ilusão de progresso.

A Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2025 (COP30) decorre entre os dias 10 e 21 de novembro, na cidade brasileira de Belém, no Pará.

Fonte: Agência Ecclesia

Colômbia: jovens com facas interrompem missa

Em meio à celebração litúrgica, um jovem entrou correndo na igreja, movido pelo temor de ser agredido por um grupo que o perseguia, ostentando grandes facas.

Foto: Screenshot/ el colombiano

Redação (12/11/2025 15:20, Gaudium Press) Em um ato de coragem pastoral, o Pe. Hernando Moreno, da paróquia de Santo Tomás, Bogotá, Colômbia, interveio durante a Santa Missa dominical, posicionando-se como escudo humano para proteger um jovem que era perseguido por cinco menores armados com facas, movidos por intenções de roubo e agressão.

O episódio transcorreu na localidade de Kennedy, sudoeste da capital colombiana, quando a vítima — também menor de idade — irrompeu no templo em meio a uma perseguição, buscando desesperadamente refúgio contra os cinco agressores que o ameaçavam com facas.

O jovem perseguido refugiou-se atrás do altar, valendo-se do sacerdote como escudo humano para se proteger da agressão, o que gerou profundo desconforto entre todos os presentes, em especial ao sacerdote, que se viu involuntariamente colocado no centro do confronto, e teve de interromper a missa.

O pânico tomou conta do templo. Gritos e orações entrelaçaram-se no ar, enquanto mãos se erguiam em súplica e protesto até a chegada das autoridades. Diante da intervenção policial, os delinquentes abandonaram as facas e tentaram fugir, mas foram prontamente capturados.

Em nenhum momento atenderam à voz da razão”, relatou o Pe. Moreno à emissora City TV, com tom sereno, porém impregnado de consternação. “Desconheço o motivo pelo qual o jovem ingressou na igreja; presumo que buscasse abrigo, pois era perseguido com facas.”

Segundo as autoridades, a perseguição teria ocorrido devido ao suposto roubo de um boné.

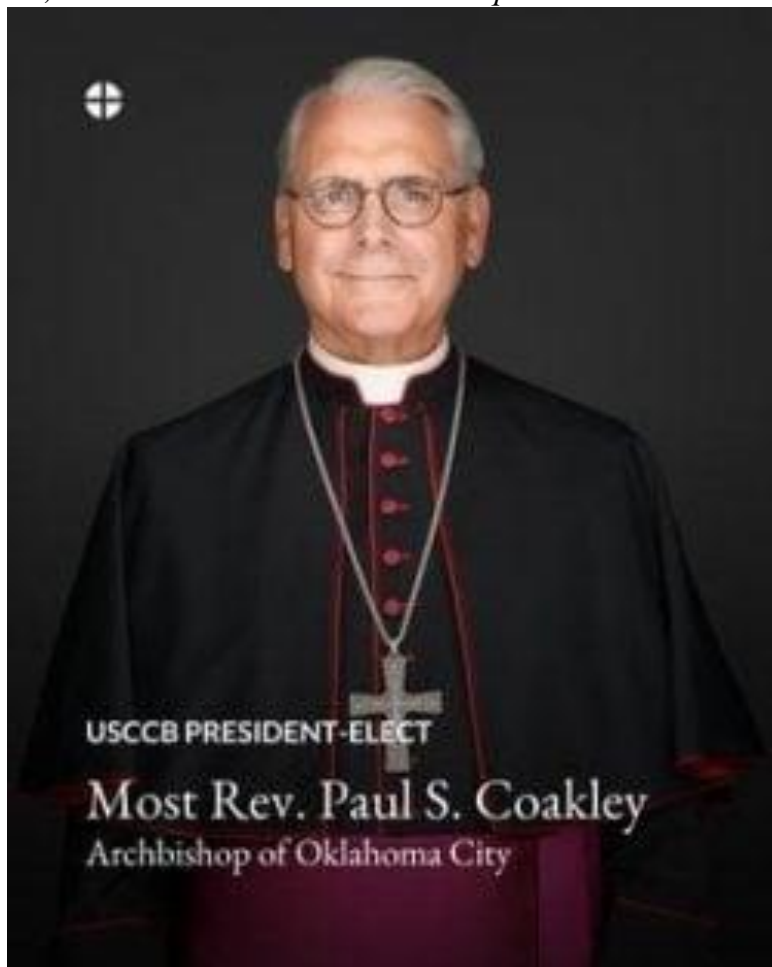
O Pe. Moreno manifestou profunda gratidão à Providência Divina. “Graças a Deus, ninguém sofreu lesões graves no interior da igreja”, declarou, ao mesmo tempo em que deplorou a temeridade da juventude atual, que “expõe a vida por um boné”.

Este incidente foi rapidamente relatado e denunciado pelos fiéis nas redes sociais, gerando uma onda de indignação pela falta de respeito aos espaços sagrados e pelo aumento da violência juvenil na capital.

Fonte: Gaudium Press

Novo Presidente da Conferência dos Bispos dos EUA

O novo presidente, Dom Coakley, tem sido um defensor das causas pró-vida. O novo vice-presidente, Dom Daniel Flores é sensível às questões relacionadas com a imigração.



A Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos (USCCB) elegeu Dom Paul Coakley, arcebispo de Oklahoma City, como seu próximo presidente. Para o cargo de vice-presidente, foi eleito Dom Daniel Flores, bispo de Brownsville, no Texas. Dom Coakley sucede a Dom Timothy Broglio, arcebispo castrense dos Estados Unidos.

Embora a votação seja secreta, fontes jornalísticas indicam que Dom Coakley foi eleito na terceira votação, com 128 votos contra 109 obtidos por Dom Flores.

Perfil do novo presidente.

Nascido em Norfolk, Virgínia, em 1955, Dom Coakley formou-se pela Universidade do Kansas, onde participou do Programa de Humanidades Integradas. Ordenado sacerdote em 1983, foi nomeado bispo de Salina em 2004. Em 2010, o Papa Bento XVI o designou arcebispo de Oklahoma City, tomando posse em 2011. Seu lema episcopal, “Duc in Altum” (“Navegai em águas profundas”), é extraído do Evangelho de Lucas (Lc 5,4).

Aos 70 anos, completados em maio, o arcebispo possui licenciatura em Teologia sagrada e destaca-se pela promoção da cultura da vida, pela oposição à ideologia de gênero e pelo apoio aos migrantes.

Defesa da vida e da família

A defesa de Coakley de uma cultura da vida dá continuidade à linha de seu antecessor, Dom Broglio, sob cuja presidência os bispos reafirmaram o aborto como “prioridade preeminente” em contextos eleitorais.

Em 2022, o arcebispo elogiou os legisladores de Oklahoma “por apoiarem medidas pró-vida” após uma lei que proibia quase todos os abortos, e declarou: “Construir uma cultura da vida exige reconhecer a dignidade inerente a cada pessoa, o que demanda tanto proteções legais pró-vida quanto uma profunda conversão de coração”.

Contudo, criticou o governo estadual pelo apoio à pena de morte, afirmando no mesmo ano: “O recurso à pena capital apenas contribui para o endurecimento progressivo da sociedade e para a espiral de violência”.

Em 2023, manifestou preocupação com o aumento da disforia de gênero e a difusão da ideologia de gênero na sociedade americana, oferecendo orientações aos pais e condenando o uso de medicamentos e cirurgias para transição de gênero.

Posição sobre imigração

Dom Coakley opôs-se às deportações em massa promovidas durante o governo do presidente Donald Trump. Em fevereiro de 2025, declarou: “Tais medidas geram medo e angústia entre nossos vizinhos imigrantes, migrantes e refugiados, que buscam os mesmos sonhos que motivaram muitos de nossos antepassados”.

Reconheceu, entretanto, que “a imigração ilegal é errada e que esforços renovados para proteger as fronteiras nacionais devem ser considerados”. Alertou para os riscos do tráfico de pessoas e drogas, mas enfatizou que a maioria dos imigrantes irregulares “são membros respeitáveis de nossas comunidades e igrejas, não criminosos violentos”.

O novo vice-presidente

Dom Daniel Flores nasceu em 1961 em Palacios, Texas. Ordenado sacerdote em 1988, exerceu diversos ministérios na Diocese de Corpus Christi antes de ser enviado a Roma para estudos. Posteriormente, lecionou na Universidade de Santo Tomás, em Houston, e atuou como formador e vice-reitor do Seminário de Santa Maria.

Em 2006, o Papa Bento XVI nomeou-o bispo auxiliar da Arquidiocese de Detroit; em 2009, designou-o bispo de Brownsville. Aos 64 anos, Flores tornar-se-á elegível para a presidência da USCCB ao término de seu mandato trienal como vice-presidente.

Doutor em teologia sagrada, ex-professor universitário e bispo desde 2006, foi presidente do Comitê de Doutrina da USCCB e o único prelado da fronteira sul a concorrer à presidência. Integra o Conselho Ordinário do Secretariado Geral do Sínodo sobre a Sinodalidade e é reconhecido promotor da sinodalidade eclesial.

Em 2017, afirmou que o apoio a deportações em massa constitui “cooperação formal com um mal intrínseco”, comparando-o a facilitar o acesso a clínicas de aborto. Expressou preocupação com a polarização na Igreja e defendeu “o diálogo civilizado para discernir o bem, priorizá-lo e evitar o mal”.

Com informações Infocatolica - Fonte: Gaudium Press

-----.

Leão XIV exorta beneditinos a colocarem Cristo no centro da missão

Por Almudena Martínez-Bordiú

O papa Leão XIV foi ontem (11) ao monte Aventino, em Roma, para celebrar uma missa por ocasião do 125º aniversário da dedicação da igreja de Santo Anselmo, cuja construção foi promovida pelo papa Leão XIII.

Ao chegar à igreja, Leão XIV foi recebido por Jeremias Schröder, abade primaz dos beneditinos, que, no início da celebração, entregou simbolicamente as chaves da igreja ao papa.



Papa Leão XIV no Vaticano. | Daniel Ibáñez/EWTN News.

Leão XIV disse que a igreja romana, guardada pela ordem de São Bento desde as origens dela, foi erguida no fim do século XIX e início do século XX, "numa época repleta de desafios".

“O mosteiro, portanto, tem sido cada vez mais caracterizado como um lugar de crescimento, paz, hospitalidade e unidade, mesmo nos períodos mais sombrios da história”, disse.

O papa concentrou a atenção nos desafios do presente, que levantam "problemas sem precedentes", e dirigiu-se em particular aos monges beneditinos, convidando-os a responder às exigências da vocação deles, "colocando Cristo no centro de nossa existência e de nossa missão".

Leão XIV pediu que os monges do monte Aventino se tornem “um coração pulsante” dentro do grande corpo do mundo beneditino. “Na colmeia industriosa de santo Anselmo, que este seja o lugar de onde tudo começa e para onde tudo volta para encontrar verificação, confirmação e aprofundamento diante de Deus”.

O papa disse que a dedicação de uma igreja “é o momento solene na história de um edifício sagrado em que ele é consagrado para ser um lugar de encontro entre o espaço e o tempo, entre o finito e o infinito, entre o homem e Deus: uma porta aberta para a eternidade, na qual a alma encontra respostas”, disse, fazendo menção à exortação apostólica *Evangelii gaudium*, publicada pelo papa Francisco em 2013.

Leão XIV disse que o Concílio Vaticano II “descreve tudo isso em uma de suas páginas mais belas, quando define a Igreja como humana e divina, visível, mas dotada de realidades invisíveis”.

“Fervorosa na ação e dedicada à contemplação, presente no mundo e, ainda assim, peregrina; de tal modo, porém, que o que nela é humano se ordena e se subordina ao divino, o visível ao invisível, a ação à contemplação, a realidade presente à cidade futura para a qual caminhamos”, disse o papa.

“É a experiência da nossa vida”, disse Leão XIV, “e da vida de cada homem e mulher neste mundo, na busca daquela resposta última e fundamental que nem a carne nem o sangue podem revelar, mas só o Pai que está nos Céus”.

Ao fim do discurso, o papa disse que “somos chamados a buscar ao Pai e somos chamados a levar a todos o que encontrarmos, gratos pelos dons que Ele nos concedeu e, sobretudo, pelo amor com que nos precedeu”.

“Então este templo se tornará cada vez mais um lugar de alegria, onde se experimenta a beleza de compartilhar com os outros o que se recebeu gratuitamente”, concluiu Leão XIV. Fonte: ACIDigital

Vaticano II é a chave para entender o que a Igreja deve ser, diz Núncio apostólico nos EUA

O núncio apostólico nos EUA, cardeal Christophe Pierre, conversa com Montse Alvarado, presidente e diretora de operações da EWTN News, em Roma, em 25 de abril de 2025. | EWTN News
Por Tessa Gervasini

O núncio apostólico nos EUA, cardeal Christophe Pierre, disse a bispos na Assembleia Plenária de Outono 2025 da Conferência dos Bispos Católicos dos EUA (USCCB, na sigla em inglês) que o

Concílio Vaticano II é “a chave para entendermos que Igreja somos chamados a ser hoje e o ponto de referência para discernirmos para onde estamos caminhando”.



O cardeal, nascido na França, é núncio apostólico, ou principal diplomata, da Santa Sé nos EUA desde 2016. Ele discursou ontem (11) na assembleia de outono da USCCB em Baltimore, no Estado de Maryland, EUA, destacando a mensagem do Concílio Vaticano II e a missão de evangelização, educação e unidade do concílio.

Em seu discurso, Pierre fez aos bispos uma pergunta em duas partes: “Onde estivemos e para onde vamos?” O papa Leão XIV, na carta apostólica *Desenhar novos mapas de esperança*, sobre a educação, faz a mesma pergunta ao “exortar a educação e as comunidades a elevar os olhos e saber se perguntar para onde estão indo e por quê”, disse Pierre.

“Esse ato de perguntar, de examinar a direção de nossa jornada, é uma parte essencial do discernimento cristão”, disse Pierre. “É algo que todo bispo deve fazer ao pensar na Igreja e confiar em seus cuidados, e é algo que devemos fazer em nossa jornada compartilhada como pastores da Igreja Católica nos EUA”.

Dois dias depois de sua eleição, o papa Leão XIV disse aos cardeais: "Gostaria que renovássemos juntos hoje nosso compromisso total com o caminho que a Igreja universal tem trilhado há décadas, na sequência do Concílio Vaticano II".

Pierre falou sobre vários aspectos que o concílio Vaticano II oferece aos bispos e ao mundo de hoje. Segundo o núncio, o concílio é “a autodescrição da Igreja para a nossa época”. Nas palavras dos papas são João Paulo II e Bento XVI, foi “a grande graça concedida à Igreja no século XX”.

“O concílio não nos ofereceu uma nova fé, mas uma nova maneira de descrever e viver a única fé no mundo moderno”, disse Pierre. “A visão do concílio era uma visão para o futuro — uma orientação profética em direção a um mundo que estava começando a tomar forma”.

“Quando os padres conciliares publicaram esses textos, as igrejas ainda estavam cheias; os efeitos da secularização ainda não eram profundamente visíveis”, disse o cardeal. “Muitas das realidades que o Concílio presentiu ainda não haviam se manifestado na vida do mundo ou da Igreja”.

“Por essa razão, os documentos do concílio não foram totalmente compreendidos na época”, disse Pierre. “Não se tratava de uma descrição da localização da Igreja, mas sim de um mapa do território para o qual ela estava sendo enviada”.

“Hoje, esse território é a nossa experiência diária”, disse o cardeal. “Agora habitamos o mundo que o concílio previu — um mundo marcado por profundas mudanças culturais, transformações tecnológicas e uma mentalidade secularizada que desafia a fé em suas raízes. Agora é o momento de desdobrar o mapa do concílio e trilhar seu caminho — de redescobrir nesses textos a luz e a coragem necessárias para navegar neste momento com fidelidade e criatividade”.

Pierre: O concílio Vaticano II continua sua trajetória de Francisco a Leão XIV

“Respondendo sobre um Terceiro Concílio Vaticano, o papa Francisco disse que o momento ainda não é propício, pois ainda estamos trabalhando para implementar plenamente o Segundo”, disse o núncio apostólico nos EUA. “O pontificado dele foi marcado não pela inovação pela inovação em si, mas por um chamado a viver mais plenamente a visão do Concílio”.

“Na sua primeira exortação apostólica, *Dilexi te*, que Francisco havia começado, o ponto de referência do Santo Padre continua sendo o concílio Vaticano II, desta vez no que diz respeito à nossa missão entre os pobres. Recordando o papa Paulo VI, que disse que a antiga parábola do bom samaritano serviu de modelo para a espiritualidade do Concílio, Leão XIV escreve: Estou convencido de que a escolha preferencial pelos pobres é uma fonte de extraordinária renovação tanto para a Igreja como para a sociedade”.

Ele diz que “o concílio Vaticano II representou um marco na compreensão da Igreja sobre os pobres no plano salvífico de Deus”.

Educação e evangelização católica

O nuncio falou sobre a educação católica e a renovação eclesial. Pierre disse que “o ensinamento do Concílio Vaticano II sobre o culto, o mistério da Igreja, a Palavra de Deus e o diálogo com o mundo converge numa visão: uma Igreja enraizada na fé, animada pela esperança e engajada com a humanidade pelo amor”.

A declaração *Gravissimum educationis* continua sendo “um guia seguro”, disse o cardeal. “Ela afirmou o direito de cada pessoa a uma educação ordenada à verdade e à dignidade, o papel dos pais como primeiros educadores e o vínculo indissociável entre fé e razão na formação integral da pessoa”.

“O papa Leão XIV desenvolve agora esse legado, exortando as comunidades educativas a serem construtoras de pontes, não de muros – permitindo que a reconciliação e a pacificação se tornem o método e o conteúdo da aprendizagem”.

O papa exorta “as comunidades educacionais não só a transmitir habilidades, mas também a curar relacionamentos, formar consciências e escolher não o que é conveniente, mas o que é justo”, disse o nuncio.

A educação católica continua sendo uma das grandes “histórias de sucesso” e “forças duradouras” da Igreja nos EUA, disse Pierre. “O concílio Vaticano II não criou essa missão educacional, mas deu um novo horizonte a ela: convocando a educação católica a olhar para fora, a se engajar com um mundo em rápida transformação e a formar discípulos prontos para levar o Evangelho a novos contextos culturais e sociais”.

A educação católica “continua sendo um testemunho radiante de esperança evangelizadora; onde é negligenciada ou limitada, a luz se apaga”, disse o cardeal. Ela “oferece uma janela para a história mais ampla de como o ensinamento do concílio foi recebido em toda a Igreja neste país”.

Missão dos bispos

“Se abraçarmos plenamente essa herança do Vaticano II — tanto em suas dimensões educacionais, pastorais quanto sociais — a Igreja nos EUA poderá continuar sendo o que tantas vezes tem sido: um fermento dentro desta nação, um sinal de esperança que transcende a divisão e uma serva do bem comum, fundamentada na dignidade de cada ser humano”, disse o nuncio.

Os bispos têm “um chamado para representar a Igreja do concílio”, disse Pierre. “Em nosso sacerdócio e vocação episcopal, somos chamados a ser homens de comunhão — pastores que caminham com o povo de Deus em vez de nos mantermos à parte”.

Os bispos têm uma missão na evangelização e no ecumenismo, assim como no envolvimento deles com a vida pública, disse ele. Os bispos “não são capelães de partidos políticos nem comentaristas distantes, mas pastores que trazem a amplitude da doutrina social católica para o discurso cívico de um modo que transcende o partidarismo”.

Pierre perguntou mais uma vez aos bispos: “Onde estivemos e para onde vamos?”

“O Concílio não está atrás de nós; ele está à nossa frente, é o mapa para nossa jornada”, disse o cardeal. “Somos uma Igreja enraizada na graça do concílio Vaticano II; uma Igreja que ainda acolhe e incorpora sua visão; uma Igreja enviada em unidade, como discípulos e pastores, levando esperança, alegria e misericórdia a um mundo necessitado”.

“Os documentos do concílio continuam a nos moldar e a guiar nossa compreensão deste momento”, disse o nuncio. “O papa Leão XIV agora leva adiante essa mesma visão, reinterpretando-a para o mundo de hoje”.

“Se caminarmos fielmente com ele, seremos a Igreja que o concílio idealizou: um povo peregrino, um sacramento de comunhão, um farol de esperança e servo dos pobres — traçando, já agora, novos mapas de esperança para as gerações vindouras”, concluiu Pierre.

Fonte: ACIDigital

Para conferência episcopal dos EUA crise dos migrantes afeta liberdade religiosa



Maura Moser modera discussão ontem (11) sobre migração com bispos americanos em Baltimore, EUA. | Shannon Mullen/National Catholic Register

Por Tessa Gervasini

A Conferência dos Bispos Católicos dos EUA (USCCB, na sigla em inglês) disse que a aplicação das leis de imigração nos EUA é uma "situação de crise" que afeta a dignidade humana e a liberdade religiosa no país.

Numa entrevista coletiva na Assembleia Plenária de Outono da USCCB 2025, em Baltimore, o presidente da USCCB, o arcebispo Timothy Broglio; o bispo de El Paso, Texas, Mark Seitz; e o bispo de Fort Wayne-South Bend, Indiana, Kevin Rhoades, falaram sobre a situação dos migrantes e a "incerteza" que eles sentem em meio à aplicação das leis de imigração nos EUA.

Em entrevista coletiva ontem (11), Broglio disse que a aplicação das leis de imigração está "impedindo que as pessoas levem seus filhos à igreja, à escola ou ao pronto-socorro".

"Nós, como pastores, gostaríamos de aliviar esse medo e assegurar às pessoas que estamos com elas", disse Broglio.

"Acho que existe uma notável unidade entre todos os bispos. Esta é uma questão de dignidade humana", disse o arcebispo. "O Evangelho nos ensina, sobretudo, a sermos compassivos, a acolhermos os imigrantes e a simplesmente nos preocuparmos com o bem-estar deles".

"Para nós, essa questão não é abstrata", disse Seitz. "É pessoal, porque somos pastores... Nos preocupamos com o nosso povo, e nos preocupamos especialmente com os mais vulneráveis e os mais necessitados".

"Bispos de todas as dioceses" estão vendo "pessoas em nossas dioceses sendo envolvidas nesse esforço para perseguir imigrantes", disse Seitz. "Digo isso num sentido muito amplo, porque, embora o governo diga que estão atrás de criminosos, o alcance da perseguição vai muito além disso".

"Embora concordemos que pessoas que representam uma ameaça à nossa comunidade devam ser retiradas das ruas depois de serem condenadas, a operação policial prendeu muitas outras pessoas e corre o risco de desconsiderar o devido processo legal", disse o bispo de El Paso.

Seitz disse que o direito ao devido processo legal é "parte fundamental da abordagem básica de nossa nação, segundo a qual todos têm certos direitos" e que "esses direitos devem ser respeitados por meio de um processo que nos permita apurar se eles de fato cometeram algum ato que violou nossa lei".

Negar a comunhão aos detidos é "uma questão de liberdade religiosa", disse a USCCB, dizendo que o comitê de Liberdade Religiosa da Conferência dos Bispos Católicos dos EUA está "muito preocupado" com isso.

O comitê se reuniu na última segunda-feira (12) para discutir como garantir que as pessoas em centros de detenção recebam "cuidado pastoral e espiritual, e especialmente a graça dos sacramentos", disse Rhoades. "Ninguém perde esse direito quando está detido. Seja a pessoa documentada ou não, este é um direito fundamental dela".

“É de partir o coração pensar no sofrimento”, disse o bispo de Fort Wayne-South Bend. “Especialmente daqueles que foram detidos, separados de suas famílias, aqueles que não cometeram crimes. Eles precisam de apoio espiritual neste momento, e precisam dos sacramentos”.

Repórteres perguntaram aos bispos se planejam conversar com o governo Trump sobre as políticas migratórias do governo, que afetam paróquias em todos os EUA.

Seitz disse que a USCCB está trabalhando numa declaração para a reunião de outono da conferência episcopal. "Como bispos, queremos falar a partir de quem somos e, certamente, abordamos questões de princípio, como a liberdade religiosa... [e] a dignidade humana".

“Vamos tentar nos manter fiéis aos nossos princípios... em qualquer declaração que fizermos”, disse ele. “Mas também queremos que seja algo muito claro e fundamentado no Evangelho... Acredito que também falará aos imigrantes, não só ao nosso governo”.

“Será uma mensagem de solidariedade aos nossos irmãos e irmãs que se encontram em dificuldades ou com medo, para que saibam que não estão sozinhos, que os seus pastores estão ao lado deles”, disse Seitz.

Rhoades disse que o objetivo da mensagem é também "cruzar as linhas divisórias", já que a Igreja "não é partidária".

“Estamos falando de vidas humanas nos EUA e de princípios realmente importantes para o nosso país — como a dignidade humana [e] a liberdade religiosa”, disse Rhoades. “Tenho esperança de que possamos superar esse impasse”.

Depois, Seitz disse que a USCCB está lançando a iniciativa *You Are Not Alone* (Você Não Está Sozinho) para migrantes, que vai se concentrar em “apoio emergencial e familiar, acompanhamento e cuidado pastoral, comunicação e doutrina da Igreja... e solidariedade por meio da oração e do testemunho público”.

Fonte: ACIDigital

Cardeal alerta sobre crise 'sem precedentes' no Sudão e no Sudão do Sul



Cardeal Stephen Ameyu com membros da Conferência Episcopal Católica do Sudão e do Sudão do Sul (SSS-CBC) | Catholic Radio Network

Por Jude Atemanke

O arcebispo de Juba, Sudão do Sul, cardeal Stephen Ameyu, se disse preocupado com o agravamento da crise humanitária no Sudão e Sudão do Sul, países vizinhos.

O cardeal, que é presidente da Conferência Episcopal Católica do Sudão e do Sudão do Sul (SSS-CBC), exortou os membros da SSS-CBC na diocese de Malakal, Sudão do Sul, a fortalecer a unidade, promover a não-violência e reforçar as estruturas pastorais, enquanto a Igreja responde ao sofrimento do povo de Deus no Sudão e no Sudão do Sul.

Ameyu descreveu o encontro como “um sinal de comunhão que nos une como corpo de Cristo; uma comunhão que fortalece os laços de unidade, caridade e paz, que nos unem no colégio dos bispos”.

Ele rezou para que as deliberações na reunião fossem “guiadas pelo evangelho da não-violência e pelo chamado para sermos servos de Cristo e administradores dos mistérios de Deus”.

“O povo do Sudão e do Sudão do Sul está sofrendo profundamente, com deslocamentos, perda de vidas, destruição de igrejas e propriedades, e uma crise humanitária de proporções sem precedentes”, disse Ameyu.

Ele falou sobre o espírito de resistência do povo sudanês, dizendo: “Em meio a essas provações, as dioceses demonstraram resiliência, fornecendo abrigo, alimentos e assistência espiritual por meio de instituições de caridade e outras agências”.

“É nossa prioridade pastoral trabalhar pela paz e pela justiça. Somos chamados a construir essa importante instituição de justiça e paz em nosso secretariado, mas sobretudo também em nossas diferentes dioceses”, disse Ameyu.

“Oferecemos apoio não só material, mas também moral, demonstrando solidariedade aos refugiados e retornados que estão voltando para casa”, disse o cardeal. “Estamos juntos, evangelizando essas pessoas e oferecendo catequese para aqueles que estão em situação de vulnerabilidade”.

“Devemos estar sempre atentos, mesmo em meio a essa destruição e essa violência, pois as pessoas ainda precisam de catequese; precisam de evangelização”, disse o arcebispo. “Concentremo-nos em nossa missão para com a família e o sacramento do matrimônio, porque acreditamos que o matrimônio é um dos aspectos mais importantes de nossas sociedades”.

O cardeal também expressou preocupação com os novos impostos governamentais sobre as propriedades e o pessoal da Igreja, dizendo que tais medidas poderiam prejudicar a missão da Igreja de servir aos pobres.

“A recente imposição de impostos sobre as propriedades e o pessoal da Igreja ameaça nossa capacidade de servir aos pobres”, disse ele. “Os bispos vão dialogar com o governo para resolver essa questão”.

Ameyu instou os governos do Sudão e do Sudão do Sul a priorizarem a paz acima de tudo. “Ninguém foi criado para a guerra; todos fomos criados para a paz”, disse o arcebispo.

Na reunião de 10 a 14 de novembro, os membros da SSS-CBC devem discutir o trabalho pastoral, a construção da paz e o crescente impacto dos desastres relacionados ao clima nas comunidades locais.

Em sua homilia na missa de abertura da assembleia plenária, Ameyu exortou os líderes políticos sudaneses a porem fim ao sofrimento dos cidadãos que continuam a suportar desastres naturais e provocados pelo homem no Estado do Alto Nilo, no Sudão do Sul.

“Meus caros funcionários do governo, é sua autoridade e dever trazer a paz ao povo de Malakal”, disse Ameyu, dizendo: “Muitos dizem que bispos e padres devem trazer a paz, mas eu lhes digo, não é o clero que traz a paz. Já estamos em paz dentro de nós mesmos — é o governo e o povo que devem criar a oportunidade para o diálogo e a reconciliação”.

Ele disse que a verdadeira paz no Sudão e no Sudão do Sul só poderá ser alcançada quando os cidadãos superarem as divisões tribais e abraçarem a unidade.

“Vamos nos aceitar como Shilluk, como Dinka, como Nuer, como povo de Maban... Vamos trabalhar juntos pela paz”, disse o cardeal.

Na missa, membros da SSS-CBC lançaram a iniciativa Pequenas Comunidades Cristãs para reforçar o compromisso da Igreja com o tema da sinodalidade. A iniciativa incentiva os cristãos a viverem em comunhão e a assumirem papéis ativos na construção da paz em suas comunidades.

Em sua homilia, Ameyu também rezou para que Deus removeesse o “espírito de desunião” entre o povo sul-sudanês, dizendo que a Igreja continuará a acompanhar o país por meio da oração e da orientação moral.

“A paz começa com cada um de nós”, disse o cardeal. “Quando caminharos juntos em comunhão e missão, o Sudão do Sul encontrará a paz que tanto almeja”. - Fonte: ACIDigital

Movimento pró-vida agradece e elogia deputados que sustaram aborto sem limite para menores

Por Monasa Narjara

O Movimento Brasil Sem Aborto publicou uma **nota** agradecendo e parabenizando “cada um dos 317” deputados federais que no dia 5 de novembro, “corajosa e convictamente, votaram a favor da vida e da família brasileira”. A nota publicada hoje (12) nas redes sociais se refere à aprovação do Projeto de Decreto Legislativo (PDL) sustando a resolução do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) que permite o aborto em qualquer período da gestação em meninas de até 14 anos grávidas em decorrência de estupro.



Congresso Nacional, em Brasília (DF) | Shutterstock/Sergio V. S. Rangel

Pelo ordenamento jurídico brasileiro todo ato sexual envolvendo mulher menor de 14 anos é estupro presumido.

“Suas mãos levantadas representam um firme ‘sim’ à proteção dos mais inocentes e um ‘não’ à cultura de morte”, disse na nota o movimento pró-vida. “Seu compromisso não passou em branco, e a nação agradece!”

Para o Brasil sem Aborto, a votação expressiva da “Câmara dos Deputados deu uma demonstração poderosa de compromisso com os valores mais fundamentais da nossa nação”.

“Este resultado, com o apoio de 74% dos deputados, é um marco na nossa luta. É a voz do povo brasileiro ecoando no Plenário, reafirmando que a vida deve ser sempre protegida, desde a concepção”, disse o Movimento. “Esta vitória não é o fim, mas um fortíssimo impulso para continuarmos nossa missão”.

O presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB) encaminhou o texto do decreto legislativo ontem (11), ao presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP) para os senadores apreciarem e votarem o PDL.

O Movimento Brasil Sem Aborto pediu em seu comunicado “que o Senado Federal também cumpra o seu papel a favor do PDL 3/25 e em defesa da vida desde à concepção”.

“Seguiremos vigilantes e atuantes, trabalhando incansavelmente para que o Brasil seja, de fato, uma Pátria que defende e celebra a vida”, disse o movimento.

Fonte: ACIDigital

Representante da CNBB critica governo brasileiro que sedia a COP mas permite explorar petróleo na foz do Amazonas

Por Nathália Queiroz



O secretário da articulação Igreja Rumo à COP 30, padre Dário Bossi. | Crédito: Vatican News.

O secretário da articulação Igreja Rumo à COP 30, padre Dário Bossi, missionário comboniano italiano que atua no Brasil há mais de 20 anos, criticou o governo brasileiro dizendo que a “grave contradição desta COP é que, a vinte dias do início dela, o país anfitrião licenciou a perfuração de poços de petróleo exatamente em frente ao local onde a COP acontecerá”.

Ele se refere à licença que o Ibama deu à Petrobras em outubro para perfurar poços de petróleo na Foz do Amazonas, região rica em biodiversidade, com presença de corais e áreas de mangue.

“É, de modo escancarado, uma contradição que boicota, de fato, a incidência e a seriedade com que o Brasil poderia conduzir este processo”, continuou o padre Dário, que é assessor da Comissão Episcopal para a Ação Sociotransformadora e da Comissão para Ecologia Integral e Mineração da CNBB, na entrevista publicada por **Vatican News**, serviço de informação da Santa Sé, em 8 de novembro.

“É muito grave isso: enfraquece demais o poder de acordo e também a autoridade moral que o Brasil tem”, continuou. “Isso nos preocupa bastante”.

COP30 é a 30ª edição da Conferência das Partes signatárias do tratado da Organização das Nações Unidas (ONU) para combate às mudanças climáticas que acontece em Belém (PA) de 10 a 21 de novembro e reúne representantes de 194 países e da União Europeia.

O padre Dário não foi o único a criticar a contradição do governo brasileiro. Em evento paralelo da COP 30, na TED House em Belém (PA), especialistas e líderes indígenas criticaram a decisão do governo de autorizar a exploração de petróleo na foz do Amazonas.

“Se essa é a COP da verdade, como diz o presidente Lula, não faz sentido explorar petróleo na foz da Amazônia”, disse o diretor executivo do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM), André Guimarães, segundo o site **clickpetroleogas**.

No discurso de abertura da COP 30 na segunda-feira (10), o presidente Lula disse que “A COP30 será a COP da verdade”.

“Conclamo os líderes mundiais a acelerar a ação climática. Precisamos de mapas do caminho para que a humanidade, de forma justa e planejada, supere a dependência dos combustíveis fósseis, pare e reverta o desmatamento e mobilize recursos para esses fins”, disse. “Avançar requer uma governança global mais robusta, capaz de assegurar que palavras se traduzam em ações”.

Fonte: ACIDigital

[ENTREVISTA COP 30] **Cardeal Parolin: você, cristão, é convidado a colaborar!**



Antoine Mekary | ALETEIA

Paulo Teixeira - Cibele Battistini

Padre Wagner Maria, em nome dos veículos de comunicação católicos do Brasil, teve a honra de conversar com o Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado, que está em Belém para participar da COP30 em nome da Santa Sé e do Papa.

Belém do Pará se tornou a "capital do clima" durante a Conferência do Clima (COP30). Em meio à reunião de grandes personalidades para discutir o clima mundial, a Igreja Católica se fez presente com sua comitiva.

A Contribuição da Igreja

Padre Wagner: Eminência, que contribuição a Igreja pode oferecer a partir das encíclicas Laudato Si' e Laudate Deum, para os desafios da preservação do meio ambiente?

Cardeal Parolin: Eu estou aqui em representação da Santa Sé, e em particular do Papa Leão XIV, sucessor do Papa Francisco, que deu um impulso fundamental ao tema da ecologia e da ecologia integral, justamente através dos dois documentos, a Laudato Si' e a Laudate Deum.

O Papa Leão nos recordava que, dez anos após a Laudato Si', os desafios sublinhados pelo Papa Francisco permanecem atuais e mais do que atuais. Estes desafios são de várias naturezas: São, certamente, desafios técnicos, exigindo respostas técnicas; São também desafios sociais; São desafios políticos; E são também desafios espirituais.

Diante desses desafios, o convite e o chamado são para uma conversão. A conversão significa, sobretudo, assumir responsabilidade: Primeiramente em relação a nós mesmos, pois nossa atitude para com a criação revela quem somos, a imagem que temos de nós mesmos e do mundo, e nosso senso de responsabilidade; E também em relação ao futuro e às gerações futuras. Devemos nos perguntar: que mundo deixaremos para as gerações que nos seguem, melhor ou pior do que o que nós encontramos?

Creio que a contribuição da Igreja se coloca sobretudo nestes níveis, neste caminho de conversão que significa assumir responsabilidade diante de nós mesmos e diante do futuro e das gerações que virão.

Missionários na Amazônia

Padre Wagner: Eminência, a Igreja se faz presente na Amazônia por meio de leigos, padres, religiosas e religiosos. Como a Igreja vê o papel dos missionários nas comunidades originárias da Amazônia?

Cardeal Parolin: Creio que a resposta é muito fácil e simples ao mesmo tempo: a Igreja vê esta presença e este papel de maneira extremamente positiva. Isto se dá sob o ponto de vista das duas dimensões fundamentais da vida da Igreja: A evangelização, sendo o anúncio do Evangelho o principal dever da Igreja. A promoção humana, que inclui a defesa e promoção dessas comunidades e do ambiente em que vivem, a conservação de suas boas tradições e a promoção de todos os aspectos que constituem suas características fundamentais.

Eu gostaria de dar uma palavra de encorajamento a estes missionários (leigos ou sacerdotes), porque sei, por experiência direta como núncio apostólico — tendo conhecido a Amazônia também na Venezuela —, que muitas vezes eles se encontram em grandes dificuldades. Que eles sintam a proximidade dos seus bispos, da comunidade cristã local, mas também do Santo Padre e da Santa Sé.

O bem da humanidade

Padre Wagner: Na Amazônia, não somos apenas católicos, mas muitos crentes de várias doutrinas. O que a Igreja diz sobre o diálogo inter-religioso na Amazônia?

Cardeal Parolin: Creio que o diálogo inter-religioso pode ter um papel importante na defesa e promoção da Amazônia, que é, afinal, um bem de toda a humanidade. Cada religião contém em si um aspecto de atenção para com a criação, para com a natureza.

Para enfrentar um problema que é global e que exige a comunidade mundial e internacional, há um papel a ser desempenhado pela colaboração das religiões entre si. O diálogo inter-religioso tem a dimensão ecológica como uma de suas dimensões e pode trazer uma contribuição importante.

Gostaria de citar o encontro inter-religioso que ocorreu no Vaticano em 2021, por ocasião da COP26. Foi um evento muito bem-sucedido que tratou a fundo deste tema em diálogo também com as ciências. Creio que pode constituir um modelo para o compromisso futuro.

Mensagem na COP30

Padre Wagner: Diante do clima da COP30, qual é a mensagem que a Igreja deseja transmitir não apenas a nós, que vivemos na Amazônia, mas também aos líderes de tantos países presentes?

Cardeal Parolin: Lembro o que disse o Papa Francisco: que os homens do século passado se mostraram mais irresponsáveis em relação ao meio ambiente, pois não souberam cuidar e, ao invés, agrediram. Hoje, no início deste novo milênio, os homens deveriam dar demonstração de serem sábios e de dar uma resposta conveniente a este problema.

A Igreja convida a todos para dar esta resposta, lembrando que este não é um aspecto secundário do compromisso e do testemunho cristão, mas um compromisso que nasce da própria pertença ao cristianismo, da fé e da mensagem evangélica.

O convite que a Igreja faz é o de ser capaz de dar uma resposta e, assim, volto a sublinhar o tema da responsabilidade: responsabilidade em relação ao presente, responsabilidade em relação ao futuro.

Padre Wagner: Agradecemos, Eminência. O aguardamos em outra ocasião.

Cardeal Parolin: Enfim, mas para talvez dar uma volta no interior, nos rios da Amazônia, precisamos organizar algo nesse sentido.

Padre Wagner: De bom grado, venha.

Fonte: Aleteia

-----.